

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**A MEMÓRIA DE CAMPINAS EM CARDÁPIOS: UM ESTUDO DE CASO  
USANDO A MULTIMODALIDADE**

**LÍVIA DE RESENDE BIGELLI**

**CAMPINAS**

**2025**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE**

**LÍVIA DE RESENDE BIGELLI**

**A MEMÓRIA DE CAMPINAS EM CARDÁPIOS: UM ESTUDO DE CASO  
USANDO A MULTIMODALIDADE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte da Escola de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Linguagens, Mídia e Arte.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Eliane Righi de Andrade

**CAMPINAS**

**2025**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B592m	<p>de Resende Bigelli, Livia</p> <p>A memória de Campinas em cardápios : um estudo de caso usando a multimodalidade / Livia de Resende Bigelli. - Campinas : PUC-Campinas, 2025.</p> <p>109 f.il.</p> <p>Orientador: Eliane Righi de Andrade.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Linguagens, mídia e arte) - Programa de Pós-graduação Stricto Senso em Linguagens, mídia e arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas , 2025. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Lugar de memória . 2. Semiótica social. 3. Letramentos . I. Righi de Andrade, Eliane . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-graduação Stricto Senso em Linguagens, mídia e arte. III. Título.</p>
-------	---

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE

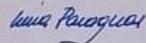
LÍVIA DE RESENDE BIGELLI

A MEMÓRIA DE CAMPINAS EM CARDÁPIOS: UM ESTUDO DE CASO  
USANDO A MULTIMODALIDADE

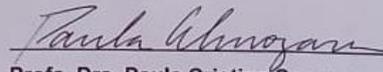
Dissertação de mestrado  
apresentada e APROVADA em 28  
de fevereiro de 2025 pela comissão  
examinadora:



Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade  
Orientadora  
PUC-Campinas



Profa. Dra. Luisa Paraguai Donati  
Presidente da comissão examinadora  
PUC-Campinas



Profa. Dra. Paula Cristina Somenzari  
Almozara  
Universidade do Porto



Prof. Dr. Tarcísio Torres Silva  
PUC-Campinas

CAMPINAS  
2025

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio e suporte.

À minha orientadora Eliane Righi de Andrade pelo auxílio e atenção com a escrita, bem como pelo desenvolvimento de ideias e conhecimentos para além da pesquisa.

À professora Paula Almozara, que iniciou esta jornada comigo, pelas nossas conversas sobre arte e sobre o mundo.

Aos meus colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte pelo convívio.

Aos bibliotecários da PUC-Campinas pela dedicação com a biblioteca, lugar onde muito frequentei.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

“The world is full of obvious things  
which nobody by any chance ever  
observes.”

*Sir Arthur Conan Doyle*

(The Hound of the Baskervilles, 1902)

## RESUMO

A sociedade atual tem como hábito buscar ambientes fora de casa para o consumo de refeições. Nesses estabelecimentos, nota-se a presença de um material informativo, o cardápio, que é utilizado pelas pessoas na identificação de itens disponíveis para o seu consumo. Dessa forma, devido à presença desse tipo de objeto no cotidiano social, com implicações nas formas de comunicação, uma pesquisa que envolve a sua análise linguístico-visual, considerando aspectos históricos e culturais sobre o objeto em questão, demonstra ser pertinente a um estudo interdisciplinar da linguagem. À vista disso, um estudo sobre a composição visual do objeto tem como objetivo perceber os diferentes elementos presentes na concepção de cardápios físicos, além do intuito de compreender o que é o cardápio e de se investigar a utilização dos modos verbal e não verbal em sua construção e aspectos que se referem à constituição da memória do lugar em que circulam. Esse estudo será realizado por meio da perspectiva dos letramentos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), com a estratégia metodológica proposta nas obras de Kress e Van Leeuwen (2006, 2010), a qual envolve a abordagem da multimodalidade na relação com a Semiótica social, fazendo um estudo de caso utilizando a análise desse tipo sobre três cardápios de estabelecimentos da região central da cidade de Campinas. O recorte em cardápios de restaurantes tradicionais de Campinas reside no fato de que se trata de uma cidade que é o centro de uma região metropolitana do Estado de São Paulo e conhecida pela riqueza de sua gastronomia. Ao final, espera-se obter uma compreensão geral sobre o cardápio de forma histórica e social, bem como outros aspectos que o envolvem, ampliando, assim, conhecimentos interdisciplinares, considerando as especificidades sobre a criação visual desse objeto bem como a percepção do uso de linguagens diversas e seus efeitos nos cardápios escolhidos, sendo eles aqui identificados como sendo lugares de memória (Nora, 1993).

**Palavras-chave:** Campinas, Letramentos, Semiótica social, Lugar de memória.

## ABSTRACT

Today's society has a habit of seeking out places to eat outside home. In these establishments, there is an informative material, the menu, which is used by people to identify items available for consumption. Thus, due to the presence of this type of object in everyday life, with implications for different forms of communication, a study that involves its linguistic-visual analysis, considering historical and cultural aspects of the object in question, proves to be pertinent to an interdisciplinary study of language. In view of this, a study on the visual composition of the object aims to perceive the different elements present in the design of physical menus, in addition to the intention of understanding what the menu is and investigating the use of verbal and non-verbal modes in its construction and aspects that refer to the constitution of the memory of the place in which they circulate. This study will be carried out from the perspective of literacy (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), with the methodological strategy proposed in the works of Kress and Van Leeuwen (2006, 2010), which involves the approach of multimodality in relation to social semiotics, conducting a case study using this type of analysis on three menus from establishments located in the central region of the city of Campinas. The focus on menus from traditional restaurants in Campinas is due to the fact that it is a city that is the center of a metropolitan region in the State of São Paulo and is known for the richness of its gastronomy. At the end, it is expected to obtain a general understanding of the menu in a historical and social perspective, as well as other aspects that involve it, thus expanding interdisciplinary knowledge, considering the specificities of the visual creation of this object as well as the perception of the use of different languages and their effects on the chosen menus, which are identified here as being places of memory (Nora, 1993).

**Keywords:** Campinas, Literacies, Social semiotics, Place of memory.

## **Lista de quadros**

Quadro 1 - Leis relacionadas ao cardápio.....	38
Quadro 2 - Resumo da análise do design .....	58
Quadro 3 - Comparativo final .....	95
Quadro 4 - Comentários gerais sobre os cardápios .....	96

## Lista de imagens

Figura 1: página 1 do cardápio do Giovannetti .....	67
Figura 2: jogo americano de papel do Giovannetti .....	68
Figura 3: recorte da parte verbal do jogo americano .....	69
Figura4: partes do jogo americano .....	72
Figura5: Exemplo 1 - capa do cardápio do Facca Bar .....	79
Figura6: Exemplo 2 - contracapa do cardápio do Facca Bar .....	80
Figura7: Exemplo 2 - foco na foto da contracapa do cardápio .....	81
Figura8: Exemplo 3 - página com foto do sanduiche com corte “boca de anjo’ .....	82
Figura9: Exemplo 4 - foco da página com o texto sobre a história da cachaça.....	84
Figura10: Exemplo 5 - página 5 do cardápio do Facca Bar.....	85
Figure 11: Capa do cardápio do Voga com as fotos 1 e 2.....	88
Figure 12: Foto de uma página do interior do cardápio.....	89
Figure 13: Foco na imagem (foto 3) presente no interior do cardápio.....	90
Figure 14: última página do cardápio contendo as fotos 4 e 5.....	91
Anexo: Print do site do estabelecimento Giovannetti .....	107

## **Lista de abreviações**

A&B – Alimentos e bebidas (estabelecimentos)

SS – Semiótica social

GDV – Gramática do design visual

## Sumário

<b>Memorial</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	14
<b>1. A relação com a memória</b> .....	22
1.1 A memória.....	22
1.2 Um lugar de memória.....	25
<b>2. Estudo contextual: apontamentos sobre o cardápio e outros elementos que o cercam</b> .....	27
2.1 A história do cardápio.....	32
2.2 Leis relacionadas ao cardápio.....	37
2.3 Tecnologias relacionadas ao cardápio.....	40
2.4 Contextualizando localmente o cardápio na cidade de Campinas.....	45
<b>3. Metodologia e contexto da pesquisa</b> .....	51
<b>4. Arcabouço teórico</b> .....	55
4.1 O uso dos letramentos.....	55
4.2 modelo de análise do design.....	57
4.3. Kress e Van Leeuwen: obras e conceitos.....	58
4.3.1. Gramática do design visual.....	59
4.3.2. Multimodalidade e semiótica social.....	61
<b>5. Análise dos cardápios</b> .....	64
5.1 <i>Giovannetti</i> (unidade Rosário - 1937).....	66
5.2 <i>Facca Bar</i> (1958).....	76
5.3 <i>Voga</i> (1940).....	87
5.4 Quadros comparativos.....	95
<b>Considerações finais</b> .....	98
<b>Referências</b> .....	101
<b>Anexo</b> .....	107

## Memorial

Neste texto introdutório, venho apresentar a minha trajetória, relacionada com a própria pesquisa realizada. Talvez, o principal motivo para isso seja a existência de uma pergunta que sempre escuto: “por que o cardápio?”. Para respondê-la aqui, precisei rever minhas escolhas e percursos que me direcionaram para o mestrado.

Pertenço ao grupo das pessoas observadoras. Tal ação é natural e realizada sem grandes esforços. Conseqüentemente, o cardápio atraiu o meu olhar. Uma data certa para isso, eu não saberia informar. Mas quando tive o interesse de me inscrever para a seleção do Mestrado LIMIAR, com incentivo da minha família, esse objeto foi aquele que mais me pareceu ser o centro de tudo. Além do mais, tenho em minha casa guardado o cardápio do restaurante em que comemorei os meus 10 anos. A memória é um forte instrumento para contar nossa história!

No início do processo da pesquisa, tive dúvidas quanto à “relevância” ou até mesmo “importância” dessa minha escolha de estudar o cardápio, principalmente vindo de comentários de outras pessoas. Contudo, quanto mais eu explorava o meu objeto, mais eu o achava interessante. Não só por ele em si mesmo, mas sim pelas possíveis relações que eu ia conseguindo trazer com a interdisciplinaridade de saberes e informações.

A característica da interdisciplinaridade foi crucial para a compreensão do meu objeto de escolha. Ao longo das etapas de pré-projeto, projeto, pesquisa em andamento e a sua versão final para a qualificação, múltiplas informações foram sendo compiladas em torno do cardápio e da sua construção visual.

Nota-se que a compilação das informações sobre ele foi sendo feita em constância. E, o mais importante de se mencionar sobre isso, é que a minha percepção sobre ele não é a mesma do seu início até o momento atual. A pesquisa, cumprindo o seu papel de descoberta sobre o mundo, auxiliou para que isso acontecesse.

Creio ser relevante mencionar a minha formação acadêmica. Sou formada em Letras (Português-Inglês), o que reflete a minha proximidade com a literatura.

Contudo, iniciei, anteriormente, sem concluir, o curso de Marketing. Ele me auxiliou nas observações diversas sobre questões da relação do humano com o não humano. Diante disso, percebo que a vivência de ambas as graduações, me permitiu a possibilidade de criar uma visão interdisciplinar perante o mundo e seus diferentes elementos.

A continuidade do processo de estudo, pela realização do mestrado, foi firmada no último ano da minha graduação em Letras, em 2022. Antes, essa continuidade, que era um desejo individual, ainda não tinha tomado forma ou direcionamento efetivamente.

Além disso, ao longo do mestrado, novos apontamentos sobre o cardápios foram surgindo ao longos das disciplinas cursadas, o que contribuiu para a leitura e compreensão desse objeto. Principalmente em Linguagens, memória e arquivo, quando uma visão mais ampla sobre a memória, que conecta o ser humano a sua história e organização social, sendo que tal percepção mereceu destaque nesse trabalho.

Assim, voltando à pergunta “por que o cardápio?”, digo que essa atenção a elementos do cotidiano foi o que delimitou esta pesquisa. Isso porque o mundo está cheio de coisas que não são observadas atentamente. Como pesquisadora, selecionei o meu objeto de interesse, o cardápio, e o coloquei em convergência com diferentes assuntos referentes ao ser humano e a sua construção social.

## Introdução

Ao observar a sociedade atual, percebe-se que a alimentação feita fora de casa é concebida como um hábito, sendo isso já reconhecido pela própria Organização Mundial da Saúde (Proença, 2010, p. 44). Ademais, de acordo com Cantareli e Fucks (2001 apud Pelaez, 2008, p. 12), um ritmo de vida conturbado, característico dos nossos tempos, se reflete em mudanças de comportamento, levando as pessoas a fazerem suas refeições fora de suas residências, recorrendo aos mais diversos tipos de estabelecimentos que prestam os serviços de alimentação. Além disso, a adoção do restaurante como habitual para fazer refeições se tornou vantajosa, no sentido de se poder escolher que tipo de comida se deseja, a hora que se quer comer e o quanto se quer gastar (Brillat-Savarin, 1995, p. 281 apud Freixa; Chaves, 2009, p. 127).

Nesse contexto de frequentar os estabelecimentos de A&B<sup>1</sup>, as pessoas se deparam com um instrumento de comunicação específico: o cardápio. Os cardápios são guias de explicação dos pratos que estão disponíveis nos restaurantes e estabelecimentos de A&B (Eto; Silva, 2018, p. 17), tendo a característica de ser uma importante ferramenta de um estabelecimento da área de alimentação e um documento importante que deve ser cuidadosamente elaborado.

Posto isso, é importante ressaltar que a utilização do termo cardápio nesta pesquisa é de extrema relevância, pois, sob perspectivas históricas e linguísticas, tal palavra, segundo Houaiss e Villar (2001, p. 623), é um neologismo criado pelo filólogo brasileiro Antônio de Castro para substituir o termo francês "menu".

Além disso, a pesquisa aqui proposta tem como objeto de estudo o cardápio, mais especificamente no que este se refere ao uso de elementos verbais e não verbais presentes para a sua construção e, conseqüentemente, suas implicações socioculturais. Diante disso, reconhece-se que, por “[...] ser um guia de opções que podem ser requisitadas para consumação” (Eto; Silva, 2018, p. 8), o cardápio tem a característica de ser informativo ao consumidor,

---

<sup>1</sup> Abreviação de Alimentos e Bebidas (ETO; SILVA, 2018, p. 33).

isso porque, segundo Pelaez (2008, p. 14), ele engloba noções que envolvem diferentes processos de planejamento e gerenciamento que o definem como ferramenta estratégica para várias funções, sendo elas informativa, comunicativa, publicitária, cultural, e também memorialística.

Dessa forma, devido à presença desse tipo de objeto no cotidiano social, uma pesquisa que envolve a sua análise linguístico-visual demonstra ser pertinente a um estudo interdisciplinar da linguagem. Folliari (1995 apud Satolo, Bernardo, Lourenzani, Morales, 2019, p. 5) aponta que a interdisciplinaridade nasceu exatamente como oposição ao conhecimento que privilegiava a alienação da academia às questões da cotidianidade.

Partindo dos estudos de Braulio (2006) que diz que toda comunicação tem por objetivo transmitir uma mensagem, identifica-se no contexto de estudo aqui proposto que “a função comunicativa básica dos cardápios oferecidos nos restaurantes é, invariavelmente, informar ao cliente as opções de pratos existentes (Braulio, 2006, p. 62). Também, segundo Gail (1992), o cardápio é colocado como principal meio de comunicação entre o cliente e o restaurante e, enquanto tal, deve refletir o estilo do mesmo, ou seja, ser informativo (apud Pelaez, 2008, p. 58).<sup>2</sup>

Contudo, é necessário apontar aqui que, ao longo do processo do desenvolvimento deste trabalho, informações outras foram sendo identificadas na constituição dos cardápios analisados. Uma delas vale-se principalmente do aspecto da memória. Memória essa não só dos próprios estabelecimentos em que os cardápios são apresentados, mas também da cidade onde eles estão inseridos. Demonstra-se, assim, uma relação direta entre o cardápio e o que ele apresenta e resgata ao seu leitor/consumidor, sendo ele aqui posto como sendo um lugar de memória (Nora, 1993).

---

<sup>2</sup> Também é importante salientar que, com base em leis, principalmente municipais, os estabelecimentos têm que incluir informações nos cardápios. Nesse sentido, a visualidade presente no cardápio precisa acompanhar os regramentos da Lei Municipal nº 15.278/2016, que, por exemplo, dispõe sobre a informação em cardápios, expositórios, cartazes, bem como em quaisquer dispositivos congêneres, das especificações de quantidade, peso ou medidas precisas e equivalentes das porções de alimentos servidas e comercializadas nos estabelecimentos comerciais de Campinas, impactando diretamente na forma como esse texto é apresentado ao público consumidor.

Para isso, o trabalho desenvolvido delimita-se a ser uma pesquisa bibliográfica seguido de um estudo de caso, numa vertente de estudo qualitativo. Segundo Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Aponta-se, ainda, que o contexto de pesquisa diz respeito a cardápios físicos provenientes de estabelecimentos A&B da cidade de Campinas, principalmente de estabelecimentos antigos, que representam uma relação mais direta com a história da cidade escolhida.

Nesse sentido, o trabalho inicial da pesquisa foi o de delimitar o foco entre o objeto cardápio e uma zona geográfica, corroborando para uma relação entre linguagens, mídia e os constructos sociais e de sentido. Assim, a região central da cidade mostrou-se ser a mais adequada para essa proposta<sup>3</sup>.

Em relação à escolha de um estudo de caso, este caracteriza-se por um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa com mais profundidade (Godoy, 1995, p. 25) e que também tem o “propósito de entender a natureza complexa e dinâmica de uma entidade particular e descobrir conexões sistemáticas entre experiências, comportamentos e características relevantes do contexto” (Johnson, 1992, p. 84 apud Duff, 2008, p. 32, tradução nossa)<sup>4</sup>, estabelecendo uma sequência de etapas.

Assim, primeiramente, houve a necessidade de construir um repertório de conhecimentos acerca do que é um cardápio, tanto sob uma perspectiva histórica quanto textual (de suas características enquanto gênero), dos usos de elementos verbais e não verbais no seu contexto de produção/recepção, estando tudo isso atrelado à perspectiva dos letramentos, da semiótica social e, principalmente, da multimodalidade. Esse olhar que faz uso de várias perspectivas metodológicas mostra-se oportuno, pois a interdisciplinaridade ainda é um campo a ser explorado tanto metodologicamente quanto

---

<sup>3</sup> Pela relação estabelecida de que os cardápios são lugares de memória (Nora, 1993), foram selecionados estabelecimentos que se localizam em uma região marcadamente histórica da região de Campinas.

<sup>4</sup> “The purpose [of case study] is to understand the complexity and dynamic nature of the particular entity and to discover systematic connections among experiences, behaviours, and relevant features of context”.

epistemologicamente, além de oportunizar a análise de problemas complexos postos por uma sociedade globalizada (Satolo, Bernardo, Lourenzani, Morales, 2019, p. 16).

Diante do que foi exposto até aqui, aponta-se que, na perspectiva desse estudo interdisciplinar, no cardápio estariam presentes, para a estruturação da sua organização visual, tanto o uso de elementos verbais quanto não verbais, vinculados à um tempo e espaço, portanto, a uma memória, e como ela é apresentada. Assim, adentra-se o processo de leitura do texto-imagem cardápio, visando a análise desses elementos, pois, segundo Gutierrez Perez (1978, p. 55), ler é interpretar signos, é captar a realidade significativa dos signos. Sintetizando, saber ler quer dizer chegar ao significado e conhecê-lo pela interpretação do significante.

É por isso que, sobre o seu aspecto visual, no que diz respeito a sua organização, há a ideia de que

[o] layout [do cardápio] deverá contemplar cores, ilustrações, tipo e tamanho de fonte adequados ao ambiente, formando um conjunto harmonioso de informações. Para tanto, é importante acompanhar o processo de produção do material gráfico, com a revisão do conteúdo, sempre atento à qualidade do produto e à clareza das informações (Eto; Silva, 2018, p. 22).

Assim, além do material verbal, a análise dos elementos visuais presentes na comunicação imagética do cardápio torna-se material relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, porque compõem em conjunto a discursividade do gênero cardápio. O uso de elementos icônicos no processo de construção do cardápio, como forma de representação de informações, demonstra ser essencial de ser observado, pois “[...] os signos icônicos também requerem interpretação e, portanto, devem ser lidos e não somente vistos” (Perez, 1978, p. 84). Imagens, fotos e símbolos gráficos apresentam-se neste trabalho como exemplos de iconicidade no material de análise.

Ainda, no conjunto de uso de diferentes elementos, sendo eles verbais ou não verbais, existe uma preocupação com a ordem, ou seja, a sequenciação e disposição de elementos em sua composição estética. Assim, entende-se que

a ênfase visual é um meio de conduzir o observador a uma certa ordem de informações complexas, criando uma hierarquia visual e destacando elementos (Gordon, 2014, p. 18). Como o cardápio se caracteriza por ser um texto informativo, Gordon (2014, p. 38) ainda aponta que é necessário desenvolver uma hierarquia visual para ordenar os dados, facilitando o acesso às informações ali colocadas. Conseqüentemente, uma percepção acerca da ordem de disposição dos itens apresentados no documento merece atenção, já que o efeito de sentido que ela provoca pode mudar, conforme a ordem em que os itens são colocados.

Além disso, preocupou-se, ao longo do processo dessa pesquisa, abordar a origem histórica do cardápio, a fim de se ter uma compreensão ampla sobre o objeto que está sendo pesquisado. Isso condiz com a ideia de um trabalho interdisciplinar, pois é por meio de um diálogo interdisciplinar que se poderá olhar em busca de uma certa totalidade dentro da realidade complexa (Satolo; Bernardo; Lourenzani; Morales, 2019, p. 22).

Adiciona-se ao contexto desta proposta de pesquisa interdisciplinar, o uso da perspectiva dos letramentos como ferramenta para a construção de significados, por meio do tipo de análise do corpus que será proposta. Isso porque os letramentos são processos de construção de significado, às vezes chamados de 'semiose', ou o processo de usar signos para produzir sentidos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 166), estando essa perspectiva diretamente relacionada ao objetivo desse estudo. Essa visada se dá a partir da obra de Kalantzis, Cope e Pinheiro, autores que apresentam estratégias para a leitura de textos multimodais a partir de uma base da semiótica social, proposta por Kress e Van Leeuwen (2006, 2010). Tais apontamentos serviram de base para a elaboração do percurso da pesquisa.

Enriquecendo essa perspectiva, adentra-se à questão principal do trabalho, que é a da multimodalidade, sendo ela definida como o uso de diversos modos semióticos juntamente com as formas como esses modos são combinados (Kress 2001, p.20 apud Ribeiro, 2021, p. 26). Esse conceito mostra-se importante para a compreensão e análise que estão sendo propostas sobre o cardápio dessa pesquisa. Para isso, a semiótica social também está aqui presente, já que ela, como aponta Cunha (2018, p. 64), interpreta a semiose

humana como uma rede complexa de interrelações que se presentifica nas interações, produzindo comunicações que, aliadas umas às outras, ampliam os sentidos, colaborando para um entendimento profundo da linguagem e de seu funcionamento nas relações sociais.

Sendo assim, a partir do que foi apresentado e com a ideia de que “o modo visual constitui todo um corpo de dados que [...] podem ser usados para compor e compreender mensagens em diversos níveis de utilidade [...]” (Dondis, 1997, p. 3), um estudo que se propõe a uma análise do texto-cardápio, sob a perspectiva da multimodalidade e da semiótica social, demonstra ser pertinente também para a área da linguagem.

Ademais, Pelaez (2008, p. 15) menciona que alguns métodos de análise de cardápio têm sido elaborados com o objetivo de melhorar a performance dos itens do menu, priorizando aspectos como porcentagem de custo, volume de venda e análise de lucro e perda. É a partir disso que se demonstra o diferencial da pesquisa aqui proposta, pois ela visa abordar uma diferente perspectiva de análise: a do uso de diferentes modos na organização visual de um cardápio para obtenção de sentidos que se relacionem à construção de uma memória social. De forma a contextualizar, inicialmente, esses modos são entendidos como sendo “recursos semióticos socialmente delineados e culturalmente dados para criar significados. Imagem, escrita, layout, música, gesto, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos 3D são exemplos de modos utilizados na representação e comunicação” (Kress, 2010, p. 79, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Diante de tais considerações, este trabalho tem por finalidade analisar o uso de elementos verbais e não verbais presentes em cardápios impressos, de estabelecimentos da cidade de Campinas-SP, para determinar sua conexão com questões históricas e sociais na constituição desse objeto visual inseridas em um processo de memória. Além disso, tem-se por objetivos compreender o que é um cardápio dentro de seu contexto histórico e social, investigar a utilização dos tipos de modos (tendo foco na escrita, imagem e layout)

---

<sup>5</sup> *Modes is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning. Image, writing, layout, music, gesture, speech, moving image, soundtrack and 3D objects are examples of modes used in representation and communication.*

presentes no cardápio e analisar a composição visual dos cardápios que constituem o corpus de pesquisa ao caracterizar o objeto estudado como um lugar de memória. Ao final, um estudo de caso sobre cardápios selecionados de estabelecimentos da cidade será feito como forma estratégica para entender as questões apontadas.

Durante o processo de estudo teórico-bibliográfico, a seleção do corpus de pesquisa foi feita tendo em vista a escolha de três cardápios diversos. Eles são oriundos de diferentes estabelecimentos: Giovanetti, Facca Bar e Voga. Na realização da análise, uma contextualização sobre esses estabelecimentos será apresentada. Isso tem como propósito identificar o tipo de estabelecimento, não só quanto ao tipo de alimento servido, mas também do público consumidor (que, dentro da pesquisa, será nomeado também como leitor). Isso se mostra necessário, já que o contexto de produção e de recepção de um texto estão presentes na abordagem da semiótica social.

Ainda sobre a percepção do contexto como elemento importante para a pesquisa, percebe-se que o próprio contexto de leitura do cardápio sofrerá transformação nessa pesquisa. Em vez de ele ser lido visando o consumo em um estabelecimento comercial, ele será lido pela pesquisadora dentro de uma pesquisa acadêmica. Essa transposição de funcionalidade do texto detém uma significação relevante para a ação da análise, uma vez que haverá uma projeção de leitura. Assim, perceber a escolha de palavras, imagens, iconografia e agrupamento de informações, por exemplo, será o foco desse processo.

A partir disso, houve a preocupação da escolha de cardápios pertinentes para a pesquisa, tendo por princípio motivador a forma de articulação de diferentes tipos de elementos e modos nos materiais encontrados. Será a partir disso que o processo de análise se dará, já que este visa identificar como elementos estão sendo usados nos textos, com o intuito de inferir sobre a construção de sentidos a respeito das informações e elementos lidos nos cardápios. Reitera-se que a análise aqui proposta não será do cardápio na sua totalidade, mas sim do recorte do destaque de elementos e informações multimodais que se relacionam diretamente com as questões de memória e multimodalidade.

Assim, a análise dos cardápios escolhidos tem como objetivos específicos:

- Identificar os contextos de produção dos cardápios escolhidos, ou seja, a relação desses com o estabelecimento a que eles pertencem;
- Analisar como as imagens aparecem nos cardápios;
- Discutir a organização e disposições das informações no cardápio e o efeito que essa organização produz;
- Como o cardápio e o estabelecimento que o apresenta, representa a memória dos estabelecimentos, e, conseqüentemente, a cidade de Campinas.

Assim, a partir dos objetivos da pesquisa propostos, espera-se que, ao final do trabalho, haja uma maior compreensão sobre o uso da multimodalidade na criação visual de cardápios impressos e como esses refletem a memória que se deseja divulgar sobre não só o estabelecimento, mas sobre a cidade de Campinas. Dessa forma, a pesquisa poderá contribuir para um entendimento interdisciplinar sobre a constituição do cardápio, de forma histórica e social, trazendo também elementos de vestígios da memória campineira.

Com base nos resultados obtidos, tanto pelo segmento bibliográfico do trabalho como pelas análises de cardápios já existentes, pretende-se estimular a percepção sobre o uso de linguagens nesse objeto presente no cotidiano social tanto da pesquisadora, quanto da comunidade acadêmica e do público em geral.

## **1. A relação com a memória**

Uma das relações estabelecidas e percebidas ao longo deste trabalho, no que se refere ao estudo sobre os cardápios (sua história e características atuais) e a ação de busca de exemplares para a análise proposta, foi a de o cardápio poder não se constituir somente de uma listagem de produtos oferecidos em estabelecimentos A&B, mas também conter a presença de informações outras. Dessas, a que mais pareceu relevante para fazer parte desta pesquisa foi a relação que este apresenta com a memória e a história desses estabelecimentos.

Dessa forma, a escolha do corpus de pesquisa tem uma ligação direta com esse elemento entre os muitos cardápios observados. Por se tratar de cardápios oriundos de estabelecimentos tradicionais, ou até mesmo antigos da cidade de Campinas, a inserção de informações sobre a história deles é importante para se pensar no cardápio como um lugar de memória.

No que se refere à multimodalidade, que norteia nossa análise, notou-se um grande uso do recurso imagético, principalmente pelo uso e inserção de fotos antigas, que resgatavam um tempo passado dos estabelecimentos, bem como da própria cidade de Campinas. Assim, neste primeiro momento, já é possível de dizer que o cardápio, como objeto do cotidiano, demonstra ser não só uma mera listagem e ilustração dos itens disponíveis ao consumo, mas um lugar onde informações outras retratam aspectos sobre o próprio estabelecimento e sua memória.

### **1.1 A memória**

Há múltiplos modos de se estudar e de se compreender as memórias, sendo que, em determinados campos, eles não são convergentes. Nisso, mostrasse em princípio a própria interdisciplinaridade da ideia de memória. Como aponta Coracini (2010, p. 24), há uma Interdisciplinaridade acadêmica em relação aos estudos sobre a memória. Conseqüentemente, visando o objeto de estudo dessa pesquisa, apresenta-se a seguir algumas vertentes sobre a conceituação de memória.

Pensando no âmbito coletivo, em que a visão de memória não tem por foco o indivíduo por si só, ou seja, suas lembranças e percepções sobre o mundo e o que acontece/aconteceu consigo, mas a relação da memória com o grupo, Candau (2016, p. 24-25) apresenta a ideia de que a memória coletiva seria uma representação de um dito passado comum, estando esse processo organizado culturalmente e socialmente. Assim, o tal coletivo seria, na visão do autor (2016, p. 25), um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças. Isso porque, a organização e apontamento do que deve ser lembrado, é feito por uma parte de um/do grupo, ou seja, por uma espécie de agente organizacional da memória.

Articulado a essa percepção, Derrida (apud Coracini, 2010, p. 130) coloca que a memória será sempre incompleta e faltosa. Ademais,

[n]esse sentido, a memória remete a *arkfté* – raiz do termo arquivo –, arcaico e arqueológico, lembrança ou escavação, busca do tempo perdido no passado e que gostaríamos, de forma consciente ou não, de resgatar. Trata-se de conjuntos complexos de traços, de marcas, verdadeiras inscrições que vão se complexificando com o tempo, mas que não se apagam jamais (Coracini, 2010, p.130)

Percebe-se, então, que a memória se determina em si por um caráter de seleção, em uma das possibilidades de encará-la, realizado por um intermediador, o que Derrida (2001) chama de arconte, sendo um único indivíduo, grupo ou organização a depender do contexto e situação. Consequentemente, Derrida (apud Ricouer, 2007) pontua sobre o caráter seletivo da memória e nas escolhas que isso acarreta, no sentido de que

[d]eve-se levar em conta que memórias são fragmentadas e, muitas vezes, ao se relatar uma experiência vivida, pode haver imprecisões, exageros e omissões por parte de seus personagens (Andriotti, 2022 p. 33).

É importante ter/fazer essa percepção, para que se entenda o lado social (e político) sobre a memória e seus estudos correlatos. Nessa pesquisa, focando-se sobre o caráter interdisciplinar do objeto cardápio, foi possível perceber

como o uso e a presença de informações multimodais se relacionam à propagação da memória, principalmente no que se refere ao seu processo coletivo de construção. Isso porque, os modos de se estudar a memória, podem fluir sobre o indivíduo e também sobre a sociedade. É nesse primeiro que a visão

[d]a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le-Goff, 1990, p. 387).

Já em uma perspectiva visando o coletivo, Ricouer (2007) aponta que memória, como matriz da história, é o passado sendo *reconhecido* como tendo estado. Relacionada a isso, articula-se a percepção de Pierre Nora (apud LE-GOFF, 1990, p. 432) que define a memória coletiva como sendo "o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado". Nesse sentido,

trata-se da memória que remete ao passado, que, evidentemente, se desejaria guardar, preservar, conservar tal e qual (se possível), em vista de um porvir, de um futuro e, portanto, do outro, de uma alteridade em direção à qual o presente se projeta inexoravelmente (Coracini, 2010, p. 132-33

Assim, a memória, portanto, se (des)organiza no momento da narrativa e constitui-se de fragmentos (imagens e discursos) selecionados pelo eu-narrador, que, ao dizer, é também dito (Andrade, 2011, p. 76). Nota-se então a possibilidade multimodal de se construir e apresentar a memória. Por meio de fotos, imagens e escritos é que a sua organização pode ser feita, visando o que se pretende guardar/apresentar sobre um tempo passado. É por isso que, seguindo essa perspectiva, a ideia de memória colocada por Coracini (2010, p. 25), no sentido de ela ser um passado que se faz presente, um presente que, a *posteriori*, num movimento de retorno, de dobra, se transforma, deforma,

interpreta o passado, lançando-o para um futuro. Assim, o que já aconteceu é organizado visando um propósito memorialístico.

Tendo em vista que documentos (assim como textos multimodais) servem como suporte da memória coletiva (Le-Goff, 2016, p. 485), Coracini (2010, p. 130-131) ainda diz que um livro ou mesmo uma foto - ou um cardápio, se considerarmos nosso objeto de pesquisa - podem constituir um arquivo, na medida em que esses procuram *congelar* um ou vários acontecimentos importantes e, com ele(s), uma série de lembranças, que retomam outras e estas, outras mais. Assim, há traços de memória tanto em textos verbais como não verbais, ou podemos ainda fazer referência a textos sincréticos, esses compostos por uma materialidade verbal imagética.

Como afirma Derrida (2001 apud Coracini, 2010, p. 41), não há arquivo ou memória ingênua: algum interesse as faz presente. No caso do objeto aqui estudado, já se percebe um interesse de seus agentes organizacionais – o que Derrida chama de “arcontes” - de apresentar, utilizando-se dos cardápios, um caráter de tradição, por meio de um resgate de um tempo passado. Assim existe uma dupla relação de tempo e espaço. Conseqüentemente, entende-se que o cardápio, ao possuir essa função memorialística, coloca-se como sendo um lugar de memória.

## **1.2 Um lugar de memória**

Seguindo os escritos de Pierre Nora (1993), pode-se, de forma elementar, dizer que um lugar de memória pode ser tanto físico e concreto, como também abstrato, mental e emocional. Ou seja, não seria propriamente um lugar, mas, sim, algo que teria em si uma carga memorialística e conseqüentemente histórica. Ademais, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subexiste uma consciência comemorativa numa história que a chama” (Nora, 1993, p. 12).

A partir disso, Nora (1993, p. 14) coloca a percepção de que a necessidade de (uma) memória provém de uma necessidade da história. Além disso, o que constitui tais lugares é um jogo de memória e da história, uma interação entre as duas, que leva à sua sobredeterminação recíproca (ibidem, p. 22).

Aqui, no caso dos cardápios, é possível de se perceber neles um caráter memorialístico, ao passo que eles tomam uma função de não só informar sobre produtos e preços, mas sim de apresentar requisitos de uma memória e história do estabelecimento e da cidade de Campinas. Adianta-se, então, que nos exemplos de cardápios aqui recolhidos e analisados, esses já demonstram, em um primeiro momento, uma característica de estabelecer uma relação tempo-memória síncrona com uma tradição e consequente qualidade do que é oferecido pelo estabelecimento.

Isso é embasado no que aponta Nora (1993, p. 13), de que os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, pois não há memória espontânea, já que é preciso criar arquivos, porque essas operações não são naturais. A memória, como já foi previamente explicado, é organizada e mantida por agentes sociais que tem um propósito nessa sua ação. Isso porque o que é chamado de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar (ibidem, p.15). Assim,

[o] autor localiza então os “lugares de memória” como lugares carregados de uma vontade de memória nesta contemporaneidade mundializada, a partir de um lugar que “escapa do esquecimento, e uma comunidade o reinveste com seus afetos e suas emoções” (idem, ibidem, p.7), estando estes lugares materiais/físicos, funcionais ou simbólicos, como a memória coletiva - que este considera também a expressão de identidade - em coexistência (Fonte, 2023, p. 47).

Conclui-se, então, que os lugares de memória são definidos como sendo simples e ambíguos, naturais e artificiais, além de serem, simultaneamente, materiais, simbólicos e funcionais. Assim, mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica, o qual esteja constantemente aberto à extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 21-27).

## **2. Estudo contextual: apontamentos sobre o cardápio e outros elementos que o cercam**

Quando a ideia de se pesquisar e analisar cardápios surgiu, primeiramente foi necessário realizar uma busca acerca da sua definição para estabelecer uma abordagem inicial tanto sobre a sua historicidade como nomenclatura. Isso se deu por diferentes questões: 1. a compreensão histórico-linguística sobre o cardápio; 2. o estabelecimento da relação de sua origem e definição; 3. a proposta de uma análise futura de exemplares físicos, por esses serem o foco da análise.

Para isso, foram compiladas várias fontes e diferentes maneiras de se interpretar o objeto de estudo. Assim, observaram-se diversas definições das significações de cardápio e menu em uma bibliografia diversa. Consequentemente, algumas questões foram levantadas: “o que realmente está sendo denominado de cardápio e de menu?”; “é possível fazer uma diferenciação entre essas palavras, entendidas como sinônimos nominais, mas que estão incorporando efeitos diferentes de sentido?”.

Segundo as fontes e autores consultados, Abrahão (2021), Davies (2010), Eto; Silva (2018), Houaiss, Villar (2001), Senac (2009), Teichmann (2000), há uma alternância entre a significação de cardápio e menu. Ou seja, o que alguns denominam de cardápios, outros utilizaram como a definição de menu. Assim, foi feita uma organização dessas definições tanto para o estudo etimológico, como para a formalização de qual desses termos seria usado nessa pesquisa.

Um conceito objetivo de cardápio, dado por Eto e Silva (2018, p. 9-17) é o de que eles são guias de explicação dos pratos que estão disponíveis nos restaurantes e estabelecimentos de A&B, tendo a característica de ser uma importante ferramenta para orientar a área de alimentação e um documento importante que deve ser cuidadosamente elaborado. Outra definição, seguindo uma linha semelhante, é a de que o cardápio seria a

[...] relação impressa dos itens de alimentos e bebidas servidos por um restaurante, com uma breve descrição das preparações

(diferentes pratos disponíveis que compõem uma refeição) e seus respectivos preços (Senac, 2009, p. 93.)

Compreende-se desde já que a característica principal do chamado cardápio pelos autores citados é a de ser uma lista, complementada por uma informação de valor a ser pago por cada um de seus itens.

Segundo Teichmann (2000, p. 28), o significado da palavra menu tem como principal função a venda de mercadorias de um estabelecimento e, portanto, sua apresentação visa a estimular o desejo do cliente para o cardápio que está sendo oferecido. Nota-se, então, que o menu é descrito como sendo o objeto físico que apresenta uma lista com preços e o cardápio como o conjunto dos pratos/itens que compõem uma refeição<sup>6</sup>. Assim, a simples nomeação de um objeto tão presente no cotidiano social pode apresentar divergências de significados e definições, no português brasileiro. Por isso, uma busca pela historicidade do nome cardápio mostrou-se imprescindível.

O trabalho de Abrahão (2021)<sup>7</sup> foi essencial para a construção de um entendimento a respeito do uso e empregabilidade dos ditos sinônimos, no vocabulário brasileiro. Segundo o que aponta a autora (2021, p. 12), o uso dessas duas palavras gerou discussões em países, por exemplo, como Itália, Portugal e Brasil. Assim, a palavra isolada “menu”, derivada do latim (*minor* ou *minutus*) foi usada pelos franceses no século XVII. Enquanto isso, na Itália, o termo *minuta* surgiu no final dos anos setecentos e a palavra “menu”, com ou sem acento, triunfou nos oitocentos e caiu em desuso nos novecentos, retornando após a II Guerra Mundial.

No caso do Brasil, bem como em outros países da Europa, o idioma francês era o usual para a escrita dos cardápios (Freiro, 1982, p. 185 apud Abrahão, 2021, p. 12), sendo eles, em tal época, chamados de “menu”. Dessa forma, o uso de galicismos, ou seja, uma construção afrancesada de palavras, era presente. No contexto da época do fim do Império brasileiro e da formação da República (1889) foi o momento em que se tem registro de uma discussão

---

<sup>6</sup> Mesmo sendo considerados sinônimos, Teichmann delimita o uso da palavra cardápio para se referir aos pratos servidos em uma refeição e menu sendo a listagem dos itens servidos e respectivos preços.

<sup>7</sup> “Menus e Cardápios: Os Impressos Efêmeros e a Pesquisa em História da Alimentação” (Abrahão, 2021)

pública a respeito de qual vocábulo (cardápio ou menu) deveria ser utilizado em território nacional. De acordo com Pinto (2017, p. 33-35 apud Abrahão, 2021, p. 12),

[f]oi com Antônio Castro Lopes (1827-1901) que essa discussão ganhou as páginas da Gazeta de Notícias, em 23 de março de 1889. No artigo “Neologismos indispensáveis”, Castro Lopes, justifica o porquê da necessidade de se adotar em solo brasileiro o vocábulo cardápio em detrimento da palavra francesa.

Segundo Bortolanza (1999, p. 301-302), o Dr. Castro Lopes<sup>8</sup> foi um médico que viveu no Rio de Janeiro, defensor da pureza da língua portuguesa, que polemizou intensamente contra os galiciparlas e por uma etimologia "genuína" do Português. No seu artigo publicado em 1889, Lopes escreve que

[m]enu é miúdo, e essa palavra foi por convenção admitida para substituir esta ou outra frase semelhante: almoço, jantar, ou ceia descritos pelo miúdo, minuciosamente. [...] O vocábulo latino *carta* (papel) reunido ao substantivo *daps*, *dapis* (comida, iguaria, manjar), pode produzir e produz, com as modificações que a euforia requer, um termo muito mais expressivo, do que o Menu francês (Pinto, 2017, p. 33-35)

Nesse ponto da pesquisa essa personagem chamou a atenção, pois, seguindo a definição apresentada por Houaiss e Villar (2001, p. 623), o cardápio é um neologismo criado pelo filólogo brasileiro Antônio de Castro para substituir o termo francês “menu” em 1899. Além disso, o procedimento de criação da palavra cardápio se deu pela ideia de Lopes (1909, p.31-32) - a qual ele mesmo explica - de que

[...] ficará para sempre entendido que todas as vezes que em portuguez não tivermos termo para exprimir alguma cousa, que em língua estranha seja expressa por palavra especial, recorramos ao grego, ou ao latim, formando um neologismo; ou com os elementos do nosso próprio idioma creêmos um novo vocábulo em condições convináveis. [...] No intuito de mais

---

<sup>8</sup> Além disso, Bortolanza (1999, p. 302) ainda aponta que o Dr. Castro Lopes foi autor de extensa bibliografia, foi teatrólogo, filólogo, poeta de expressão portuguesa e latina, latinista, professor, médico, introdutor da homeopatia e do espiritismo no Brasil.

depressa attrahir a sympathia para este neologismo, lembrarei que os francezes chamam também a essa lista *Carte*, cuja origem latina é *charta*.

Mas essas não foram as únicas informações encontradas sobre Castro Lopes durante a coleta de informações sobre o cardápio. Bortolanza (1999, p. 302), ainda em seu trabalho, transcreve um fragmento de uma crônica escrita por Otto Lara Resende a respeito do linguista:

Se fosse no tempo do Prof. Castro Lopes e se dependesse de sua vontade, "lobismo" e "lobista" jamais teriam licença de entrar na nossa língua. E muito menos no dicionário. Castro Lopes combatia sem trégua os partidários dos barbarismos. Em particular, os galiciparlas recorriam ao francês, a língua da moda. Caricaturado na peça "O Carioca", em 1886, o professor morreu em 1901. [...] Mas o prof. Castro Lopes deu tratos à bola e criou a palavra "cinesíforo", a partir do grego. Não pegou, mas ficou no ar, envolto na aura de pilhéria que até hoje cerca o nome do seu criador. Melhor sorte teve com outros neologismos também saídos da caturrice de seu bestunto. "Menu", por exemplo, virou cardápio. Em Portugal e em parte aqui também, se diz lista. Mas cardápio fez carreira. [...] O fato é que o prof. Castro Lopes entrou no dicionário e no dia-a-dia da conversa. E o obscuro herói do vitorioso cardápio (Otto Lara Resende, *Palavras Inventadas*, 1992)<sup>9</sup>.

Outra informação encontrada foi no *Dicionário etimológico da língua portuguesa* sobre o vocábulo cardápio: “trata-se, como se sabe, de neologismo criado por Castro Lopes, tem como base o lat. *charta*, «*carta*» + *daps*, «*refeição, comida*»” (Machado, 1967, p. 545).

É importante de se perceber uma questão cultural e social presente nas discussões sobre a nomenclatura do cardápio e a influência francesa no Brasil no período da Belle Époque. Isso porque

[a] França, em fins do século XIX, especialmente Paris, viveu um período mais fértil no que se relaciona às artes. Não demorou para que esse movimento chegasse ao Brasil no início do século XX, especialmente no Rio de Janeiro, então

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/6778/palavras-inventadas>. Acesso 09 maio 2024

capital federal. Pertencer a esse mundo francês indicava status, nobreza e superioridade e, conseqüentemente, significava pertencer a uma elite abastada (Rosa, 2013, p. 30).

Contudo, "apesar de todo refinamento que o francês trazia para o país, o léxico daquele idioma era um problema para muitos puristas da Língua Portuguesa" (Rosa, 2013, p. 33), como foi possível de ser exemplificado por Castro Lopes nesse estudo. Dessa forma,

[o]s empréstimos conotativos são decorrentes de certa adaptação de uma sociedade econômica, social e culturalmente inferior e que vê em outra cultura superior a possibilidade de elevar o status e a nobreza, como aconteceu com a elite carioca brasileira ao incorporar o léxico francês durante a Belle Époque, em fins de século XIX e início do XX. Por meio da arte, dos espetáculos, dos filmes, da música, da moda, literatura, *culinária* entre outros, os turistas que tinham acesso aos países culturalmente desenvolvidos ajudavam a disseminar esse novo modo de viver e de se expressar (Rosa, 2013, p. 24).

Ao pesquisar sobre a questão linguística e histórica da palavra "cardápio", no contexto brasileiro, percebe-se que está ligada a uma relação cultural entre diferentes países e suas relações de poder<sup>10</sup> e que

[a]tualmente, temos mais anglicismos que galicismos no português do Brasil porque o influxo norte-americano é maior e, provavelmente, o prestígio francês tenha causado efeito mais significativo, no início do século XX, quando o movimento cultural Belle Époque ocorria na França e que, assim que chegou ao Brasil [...] ditou comportamentos refinados a uma elite que considerava a maneira francesa de viver um símbolo de status e nobreza (Rosa, 2013, p. 25).

É a partir deste ponto de convergência de fontes que é possível demonstrar, de forma significativa, a relevância de uma postura quanto à definição e busca pelo significado da palavra cardápio no nosso contexto brasileiro. O neologismo

---

<sup>10</sup> Percebe-se que se trata de um país europeu (França) e um da América do Sul (que foi colonizado por Portugal) numa relação, portanto, de subserviência cultural.

criado por Lopes está presente na vida social, mas a reflexão sobre sua origem foi pouco desenvolvida.

A busca da sua significação, nessa pesquisa, demonstra ser de importância tanto para os estudos da linguagem como também para o estudo histórico do cardápio em si, principalmente no Brasil. Compreender a origem do objeto em questão auxilia a compreender múltiplos elementos discursivos que ele envolve em sua significância.

Dessa forma, em relação direta ao que foi pesquisado, compreende-se o cardápio como a relação das iguarias disponíveis para consumo, seguida dos seus preços, e por vezes com a descrição da sua composição nos restaurantes e afins. Essa definição condiz com o que definem Houaiss e Villar (2001, p. 623) sobre cardápio e que, conseqüentemente, a indicação de preços ali é vista como uma característica imprescindível de se estar presente.

Assim, a definição de cardápio compreende diferentes instâncias: o objeto em que se comunica a um consumidor itens de produtos alimentares e a sua precificação, como também a listagem organizada de itens que compõem um serviço de alimentação.

## **2.1 A história do cardápio**

Após a apresentação sobre a palavra cardápios e a implicação que ela traz na identificação, construção e leitura desse objeto, é necessário abordar o panorama histórico da sua formação, tendo em vista que ele se caracteriza por ser um gênero textual, em que sua finalidade e propósito de uso são relevantes para a sua compreensão e leitura.

Atualmente, como é possível de se observar, o cardápio está presente em estabelecimentos diversos de alimentos e bebidas, tendo, primordialmente, um caráter informativo. Contudo, no contexto ocidental, sua origem remonta ao surgimento dos restaurantes na França, no período do século XVIII.

Segundo Spang (2003, p. 11), muito tempo antes de um restaurante ser um lugar aonde se ia para comer, um *restaurant* era algo de comer, um caldo restaurativo. Conseqüentemente, percebe-se que aqui está presente uma

relação do que era vendido (um alimento específico) com o que se tornou o tipo de estabelecimento em que tal produto era encontrado. Dessa forma,

[o] restaurante como espaço social urbano surgiu do consumê. No princípio, nos últimos vinte anos do Antigo Regime, entrava-se em um restaurante (ou, como eram mais comumente chamados, na “sala de um *restaurateur*”) para beber caldos restaurativos assim como se ia a uma cafeteria para beber café (Spang, 2003, p. 12)

Sendo essa a origem do restaurante, com o passar dos anos, esse tipo de estabelecimento apresentou mudanças na sua estrutura, se focarmos na Paris do século XIX, quando os restaurantes modernos estavam presentes na sua maioria na capital francesa. Nessa época, foram abertos os primeiros restaurantes como conhecemos hoje, com pratos inscritos numa carta (cardápio) e preparados individualmente (Larousse, 2000, p. 894-895 apud Freixa; Chaves, 2009, p. 112-13). É partir dessa mudança, através de tempo, que o cardápio nos restaurantes foi tomando a forma de apresentar os itens disponíveis para consumo.

Além disso, como aponta Spang (2003, p. 13), o restaurante, como nós o conhecemos hoje, representa a mudança do valor social de uma, e que por meio de um processo contínuo e contestatório, ele passou de um tipo de spa urbano a um fórum público político, para, somente depois, se constituir como um refúgio ativamente apolítico. Assim, os restaurantes (do século XIX) nasciam para atender não apenas à nobreza, mas à burguesia (Freixa; Chaves, 2009, p. 103). Consequentemente, os autores (*idem*, p. 123) ainda pontuam que os restaurantes fizeram sucesso com a burguesia, e tempos depois, com o operariado, classe que surgiu com a revolução Industrial.

Assim, os restaurantes dependiam de suas próprias microtecnologias em que, como aponta Spang (2003, p. 98), eles próprios imprimiam os cardápios com o intuito de permitir que os consumidores escolhessem os alimentos que não eram vistos. Além disso, esse material impresso tornou possível a realização de transições padronizadas no que diz respeito ao preço. Isso é assinalado,

pois anteriormente, os preços eram informados aos clientes oralmente na hora da venda, dando assim o poder de barganha.

Compreende-se então que a questão do preço está intrinsecamente relacionada à formação do cardápio como o conhecemos hoje. Uma informação curiosa que Spang (2003, p. 99) coloca é a de que, embora a comida do restaurante pudesse não ser uniforme (com relação ao tamanho e o ponto de cozimento), suas transações monetárias eram. Percebe-se então que uma das funções do cardápio impresso foi a de fixação dos preços do que era servido.

Conseqüentemente, “fixo e suscetível à reprodução mecânica, o cardápio tinha ainda a vantagem de ser mais surpreendente do que uma única refeição, ou mesmo do que uma série delas, jamais poderia ser” (Spang, 2003, p. 224). Isso significa que o que estava sendo listado era muito maior do que a cozinha do restaurante era capaz de fornecer ao cliente. Isso porque,

[c]hamando a atenção do comensal primeiramente apenas por seu formato, o cardápio era um objeto impressionante – um texto impresso em um fólio muitas vezes colocado em uma borda de couro ou afixado em uma moldura de madeira. Lembrando muito pouco os cardápios art nouveau, de caligrafia ornamentada, da Belle Époque (dos quais, até época, os *restaurateurs* tinham um modelo popular), esses primeiros cardápios eram cobertos por colunas compactadas comprimidas, impressas em tipos bem pequenos (Spang, 2003, p. 224-225).

Assim, retomando a ideia de que os cardápios mudaram com o tempo, Spang (2003, p. 229) aponta que no próprio século XIX a sua forma e aparência se alteraram profundamente. Isso também está relacionado com a necessidade de diferenciação entre os restaurantes e outros estabelecimentos que serviam refeições, sendo o cardápio o instrumento designado para isso. Assim,

[o] layout do cardápio imitou com regularidade as inovações tipográficas do século: primeiro um fólio grande e único, atulhado com colunas impressas em um tipo compacto; depois,

um com capa de couro, encadernado com cordão de seda; e, novamente, uma única folha, decorada à mão com deusas lânguidas e flores estilizadas. Assim, enquanto os primeiros cardápios se pareciam com os jornais do Consulado e do Primeiro Império, os da metade do século se pareciam com os grossos romances realistas, e os da Belle Époque, com o pôster de arte (Spang, 2003, p. 229)

Sendo ele comparado a um produto literário (Spang, 2003, p. 229), o cardápio acompanhou o ritmo de outras produções literárias da época, sendo considerado uma inovação de gênero que mais continha marca dos restaurantes. Já se identifica um apontamento de que o cardápio se delimita como gênero, possuindo características formais para a sua identificação. Dentro disso, adentra a questão do contexto situacional em que o cardápio está localizado: em um estabelecimento de A&B, além de como ele é apresentado e lido pelas pessoas.

Assim, uma relação de como as informações que o estabelecimento quer colocar à disposição de leitura que se apresenta a ideia de como as tecnologias de impressão contribuíram para essa mudança. Na primeira metade do século XIX, os cardápios eram de impressão compacta e, conseqüentemente, não tinham a individualidade como ponto a ser seguido. Spang (2003, p. 229) ainda aponta as suas características dizendo que

[t]odos listavam os vinhos numa seção separada no final da página (onde um jornal colocaria seu folhetim); todos tinham margens estreitas, onde se repetiam folhas, uvas ou emblemas clássicos; e muitos apresentavam como característica os dizeres "impresso por Gillé" (ou por quem quer que fosse) em um tipo ligeiramente maior.

Outra característica apresentada é a de que antes das revoluções da tecnologia de impressão, das décadas de 1830 a 1880 (além das impressoras a *laser* do fim do século XX), os cardápios tinham um alto custo de produção e não eram fáceis de serem alterados. Dessa forma, eles eram impressos em grandes quantidades e listavam tudo o que um restaurante tivesse a possibilidade de servir. Ademais, a partir do que aponta Spang (2003, p. 231), os restaurantes tinham como hábito o de assinalarem discretamente as colunas

de preços de seus cardápios para indicar o que estava realmente disponível, contudo, isso não desviava a atenção do impacto inicial provocado pelo cardápio. Isso porque

[o] cardápio do início do século XIX apresentava o mundo inteiro em uma única folha, além da qual nada havia, exceto o monstruoso desconhecido. Separava o que poderia ser desejado (mesmo que temporariamente indisponível) do desejo que não tinha nome. Ler simplesmente a palavra "urso" em um cardápio da década de 1840 foi o bastante para incitar um jornalista a escrever que ele sentia como se já tivesse comido urso [...] (Spang, 2003, p.231)

Dessa forma, tendo em foco a percepção visual do cardápio nessa construção histórica sobre o objeto, entende-se que ele contribui para uma relação de identidade com o próprio estabelecimento onde está inserido. Mas não só, ao passo que a identidade também do próprio estabelecimento, já que

[o] cardápio – por seu layout, linguagem e listagens – dava a um restaurante um ícone identificável e reproduzível. Prometia o universo numa travessa, mas devolvia a "infinidade" em um formato alienadoramente limitado, fácil de consumir e quase previsível (Spang, 2003, p. 234)

Tido como um janela para a cozinha (Spang, 2003), no sentido de que havia a probabilidade de os cardápios dos restaurantes tanto provocarem a decepção quanto gerarem excitação, uma vez que é não era possível ver o prato em si antes dele ser servido. Assim, podemos já fazer uma relação com os cardápios atuais e as formas de impressão, em que a presença de fotos para ilustrar os pratos disponíveis contribuem para se ter uma representação de como o alimento é antes do próprio consumo.

Percebe-se então que a proposta de um cardápio impresso, no ocidente, surgiu em um contexto europeu, mais especificamente francês e dos seus restaurantes. Isso é importante de ser apontado, devido à relação cultural entre Brasil e Europa, sendo isso colocado mais em destaque na seção seguinte.

Dessa forma, com o que foi exposto até o momento, o cardápio se coloca em relação com a construção da memória, como sendo um lugar de memória, que reflete um tempo e um espaço. Assim, analisar as informações contidas e colocadas no corpus, sendo essas Informações não só descritivas e informativas, quanto à venda e consumo, são uma forma de dialogar e transmitir aspectos do passado que podem ser trazidos para o presente de um tempo que não mais existe, mas que, de alguma forma, constituem o presente.

## **2.2 Leis relacionadas ao cardápio**

Ao estudar o cardápio, outro fator relacionado a sua visualidade é a presença de leis que dialogam com o objeto aqui estudado. Essa observação se deu a partir da própria “leitura” dos cardápios, sob o viés do olhar da pesquisadora, ainda no processo de escolha do *corpus* de pesquisa. Com isso, demonstrou-se ser relevante fazer uma compilação de leis e decretos que mencionam diretamente as informações que devem constar no cardápio, ou ainda que articulem alguma relação com o cardápio, principalmente quando consideramos que o cardápio oferece abertura para outras leituras, tais como fotos, elementos culturais da culinária, entre outras possíveis formas de letramento<sup>11</sup>.

Nessa etapa, notou-se que há uma abrangência jurídica envolvendo os âmbitos federal, estadual e municipal (sendo aqui o caso particular da Cidade de Campinas localizada no Estado de São Paulo). Dessa forma, a interdisciplinaridade apresenta-se uma vez mais nessa pesquisa, já que se relacionam informações e contribuições de diversas áreas do conhecimento, tais como o direito, o design e o marketing.

Nesse sentido, a validade da pesquisa do cardápio é revelada por constituir-se como um objeto cercado por relações sociais. Assim, uma compilação de leis, decretos e manuais que citam diretamente o cardápio e informações que nele devem estar contidas foi também organizada pela pesquisadora.

---

<sup>11</sup> Isso será tratado mais adiante, no capítulo 4. Contudo, adianta-se que diz respeito ao entendimento de como funciona um texto para que se possa participar de seus significados.

Quadro 1 - Leis relacionadas ao cardápio

LEI/DECRETO	INFORMAÇÃO
DECRETO Nº 5.903/2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Decreto federal</li> <li>• Os preços de produtos oferecidos deverão ser informados de forma clara e legível</li> <li>• Exemplos: não utilizar letras com tamanho que dificulte a percepção da informação; expor preços com as cores das letras e do fundo idêntico ou semelhante; atribuir preços distintos para o mesmo item; e não expor uma informação redigida em um ângulo que dificulte a percepção.</li> </ul>
LEI Nº 14.176 DE 16 DE DEZEMBRO DE 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lei estadual de São Paulo</li> <li>• Aponta que o informativo da cobrança de couvert artístico deverá constar impresso nos cardápios, indicando de forma bem visível o valor a ser cobrado</li> </ul>
LEI Nº 14.773 DE 12 DE MARÇO DE 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lei municipal de Campinas</li> <li>• Dá nova redação ao artigo 1º da Lei Municipal nº 9.571/97</li> <li>• Restaurantes e similares devem dispor do cardápio impresso em sistema de leitura Braille</li> </ul>
LEI Nº 15.428, DE 28 DE MAIO DE 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lei Estadual de São Paulo</li> <li>• Obrigatória a inclusão da frase “Se beber, não dirija” em cardápios</li> </ul>
DECRETO Nº 22.749, DE 13 DE ABRIL DE 2023	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Decreto municipal da cidade de Campinas</li> <li>• Dispõem que restaurantes e similares deverão manter à disposição de seus consumidores, no mínimo, 1 (um) cardápio no formato impresso para consulta dos preços dos produtos que vendem.</li> <li>• Esses estabelecimentos poderão adotar, adicionalmente ao formato impresso, cardápio na modalidade digital ou com QR Code.</li> <li>• O uso do cardápio na modalidade digital ou QR Code não é vista com um substituto do cardápio no formato impresso, bem como o em Braille</li> </ul>

Fonte: de autoria própria

Além desses documentos citados, ao longo da pesquisa sobre a relação de leis e o cardápio, foi encontrado um documento relevante para a compreensão de sua elaboração e dos elementos que deve conter. Ele é o “Manual de orientações para aplicação da lei municipal 15.278/2016”, que orienta quais informações devem constar nos cardápios, além da relação de preços no que se refere ao peso, volume, quantidade e medida dos alimentos servidos. As diretrizes apresentadas no documento

[...] são dirigidas especialmente ao segmento de bares e lanchonetes, casas noturnas, hotéis, restaurantes e demais estabelecimentos do ramo que oferecem/servem produtos alimentícios prontos para consumo, não embalados, tais como refeições, porções, lanches e afins, com o objetivo de orientá-los sobre como proceder com as devidas adequações aos termos e exigências da Lei Municipal 15.278/2016 em relação aos seus cardápios, tabelas de preço, expositórios, totens ou cartazes que relacionem os produtos comercializados [...] no que tange à informação precisa acerca dos pesos e medidas dos alimentos/bebidas servidos, inclusive para os cardápios emitidos em sistema de leitura em Braille.

Com isso colocado, aqui estão algumas informações principais que constam nele e que serão aqui apresentadas<sup>12</sup>:

- As bebidas devem conter a indicação de litros ou mililitros de seu conteúdo/volume.
- Os sólidos (comidas propriamente) devem informar o peso do alimento principal em gramas ou quilogramas, considerando-se o seu peso “in natura”
- Indicar a quantidades de unidades presentes em porções
- Comidas vendidas fracionadas (pedaços/fatias de, por exemplo bolo ou pizza) devem indicar o peso desse pedaço

Diante do que foi exposto, a respeito da identificação de leis que dialogam com o objeto cardápio, isso auxilia na forma de se ver esse material. Isso porque, é

---

<sup>12</sup> Para ter acesso ao manual na sua integralidade, acessar o link: [https://procon.campinas.sp.gov.br/sites/procon.campinas.sp.gov.br/files/arquivos/VI\\_MANUAL\\_DE\\_ORIENTACAO\\_LEI\\_DE\\_PESOS\\_E\\_MEDIDAS\\_3\\_.pdf](https://procon.campinas.sp.gov.br/sites/procon.campinas.sp.gov.br/files/arquivos/VI_MANUAL_DE_ORIENTACAO_LEI_DE_PESOS_E_MEDIDAS_3_.pdf) Acesso em 14 jan. 2025

por meio de um entendimento que engloba diferentes perspectivas sobre os cardápios, que a sua leitura a análise pode se beneficiar.

Mesmo essa parte não adentrando diretamente na análise aqui proposta, mostrou-se relevante essa parte da pesquisa, principalmente no seu caráter interdisciplinar. Isso porque compreender diferentes elementos que estão diretamente relacionados a organização e apresentação dos cardápios, nos dias de hoje, é necessário para se ter uma maior compreensão e leitura do que está presente em nossa sociedade. Seja sob uma visão jurídica, ou memorialística, foco da análise do trabalho, perceber tais fatores se relaciona à visão multimodal aqui adotada.

### **2.3 Tecnologias relacionadas ao cardápio**

Ao se pensar em tecnologia, tendo por contexto a época atual, ela se aproxima da ideia de uma tecnologia voltada a máquinas, ao agenciamento digital, a internet, dentre outros recursos da nossa sociedade cibernética. Entendemos aqui a tecnologia na relação “ser humano e máquina”. É a partir disso que trazemos a ideia de Cupani (2016, p. 16) de que a tecnologia se manifesta antes de tudo na forma de *objetos*, estando isso baseado na exposição de que “todos os artefatos materiais fabricados pelo homem cuja função depende de uma específica materialidade enquanto tal” (Mitcham, 1994, p. 161 apud Cupani, 2016, p. 16). Essa definição embasa nossa pesquisa, no sentido de perceber e estudar as tecnologias envoltas no dinamismo da construção dos objetos do cotidiano, mostrando-se relevante para a desconstrução da ideia de que se volta apenas às máquinas. Além disso, isso proporciona um entendimento interdisciplinar que o cardápio pode adquirir.

Para isso, tem-se por recorte o cardápio e algumas tecnologias relacionadas a esse objeto social, pensando na definição de que o cardápio é um objeto do cotidiano que visa apresentar quais produtos alimentares são oferecidos em estabelecimentos A&B, seguidos de seu preço. Assim, pretendemos fazer um estudo que apresente como a(s) tecnologia(s) e ações humanas influenciaram na sua construção histórica e visual e adentraram na sua percepção como lugar de memória.

Spang (2003, p. 98), em seu livro *A invenção dos restaurantes*, aponta que um dos primeiros elementos a se mencionar sobre as tecnologias em relação aos cardápios, seria que o surgimento do cardápio nos restaurantes, no contexto histórico da França do século XVIII, dependia das próprias microtecnologias que os restaurantes tinham para imprimir os cardápios, com o intuito de permitir que os consumidores escolhessem os alimentos que não eram vistos. Além disso, segundo a autora, foi por meio do uso do cardápio na sua forma impressa que se tornou possível a realização de transições padronizadas, no que diz respeito ao preço.

É a partir dessa contextualização que o processo de refletir e pensar sobre como a tecnologia está envolta na constituição do cardápio demonstra importância. A sua própria formatação e organização visual é intrínseca ao seu propósito (listar os alimentos e seus respectivos preços). Além disso, outras tecnologias envoltas nessa prática, como escrita, leitura, impressão e fotografia serão pontuadas neste trabalho, já que elas estão ligadas à constituição desse objeto.

Tendo a informação trazida por Oliveira (2005, p. 57) de que os artefatos participam nos coletivos pensantes (da caneta ao aeroporto, dos alfabetos à televisão, dos computadores aos sinais de trânsito), temos o cardápio como exemplo de um objeto que reflete a organização da sociedade dentro das suas práticas de comunicação e de visualização de informações.

Partimos então da escrita, sendo ela considerada uma tecnologia de linguagem (Orlandi, 2001 apud Dias, 2009, p. 9), mas também como uma tecnologia de comunicação (Gonçalves, 2010, p. 23). Dessa forma, Galvão e Batista (2006, p. 418) colocam que a escrita deve ser vista como qualquer outra tecnologia, na medida em que provoca mudanças no pensamento, reestruturando-o, e na relação das pessoas com o mundo. Conseqüentemente, as tecnologias, além de constituírem ajudas exteriores ao homem, contribuem também para uma transformação interior da consciência. Isso porque

[u]ma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo é, portanto, o gesto de escrever. Por essa razão, é a partir da compreensão da

historicidade da escrita, ou seja, do trajeto dos sentidos que a escrita como tecnologia foi produzindo quando da utilização de diferentes ferramentas e suportes, que podemos compreender que as diferentes formas de relação social estão ligadas a uma tecnologia e que a forma do conhecimento tem a ver com essa tecnologia (Dias, 2009, p. 7).

É por meio da escrita, nesse contexto da pesquisa sobre o cardápio, que a listagem de produtos é fornecida, entretanto o uso verbal não está sendo utilizado meramente para isso. A forma de se nomear alimentos e bebidas também é pertinente de se observar, no que ela se relaciona a referências e intertextualidades com algum tipo de comida servida, nome do estabelecimento e sua identidade, bem como em relação ao uso de descrições e informações outras. Assim, pelo uso da linguagem verbal, uma identidade do estabelecimento pode ser marcada diretamente. Além disso, é por meio de informações verbais que textos que dizem respeito à questão da memória (que tragam informações e curiosidades sobre um passado) podem ser prontamente identificadas.

Seguindo a ideia de Mineiro, Bemfica e Cardoso (2012, p. 100), entendemos que a palavra escrita faz parte da organização das sociedades, o que tornou o mundo vinculado aos registros escritos. Esses registros, tanto na sua formatação como apresentação, foram se alterando ao longo do tempo. É possível falar isso, já que, como aponta Ramos (2007 apud Rodrigues, 2008, p. 68),

[a] história da humanidade foi e ainda é marcada pela presença da imagem como um dos principais mecanismos de comunicação entre os homens, que a utilizaram na forma dos mais variados suportes e técnicas, tais como “madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, [...] desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, web [...].

É nesse ponto que essencialmente se vê o cardápio como um objeto multimodal, em que o verbal e o não verbal se entrelaçam na apresentação de informações destinadas ao leitor/consumidor. Voltamo-nos, então, para a fotografia e sua presença nos cardápios de hoje, não apenas pelo seu uso de

ilustrar esse material, mas também pelo seu processo imagético quanto à percepção do que a foto retrata, pois o uso desse tipo de imagem antecipa ao leitor/cliente o que será servido, trazendo uma expectativa, visão está mais relacionada ao cardápio mais como uma lista. No que se refere à memória, imagens e fotos podem apresentar um passado sobre o estabelecimento, passado este que se quer rememorado<sup>13</sup>.

Além disso, a própria relação histórica entre a chamada evolução dos meios de impressão e da própria fotografia se relaciona no exemplo aqui estudado. Isso porque a facilidade de se produzir uma impressão em série, de baixo custo e colorida, provém das transformações tecnológicas acarretadas ao longo do desenvolvimento desse processo. Se, anteriormente, apenas pelo uso verbal isso era possível, mais recentemente, por meio da evolução da impressão, a inserção de imagens e, nesse caso, de fotos como elementos informativos do cardápio se faz possível e é significativa. Isso porque a presença e uso de recursos visuais e cores tornou-se mais fácil e economicamente viável. Assim, pensando na parte da análise, deve-se levar em conta o contexto de produção atual e o uso de recursos visuais nos cardápios selecionados. Isso significa que a facilidade de se colocar fotos nos cardápios atuais proporciona que a sua utilização seja feita. A questão é saber como isso acontece por meio da análise do *corpus*.

Complementando com um estudo breve da fotografia, sua invenção, segundo Rodrigues (2008, p. 70), deu-se num contexto mundial de grandes transformações sociais, científicas, culturais e “tecnológicas”, propiciadas pelo movimento da Revolução Industrial. Curiosa se torna a semelhança espaço-temporal em que o cardápio e a fotografia se firmam. Contudo a aproximação deles só se daria no século XX, caracterizada por “uma expansão gradativa na produção e no uso de imagens, primeiramente de forma mais seletiva e quase individual e, posteriormente, de maneira mais massificada” (Rodrigues, 2008, p. 67). Diante dessa percepção, é possível aproximar ainda mais essa discussão para o nosso tempo atual, em que

---

<sup>13</sup> Apresenta-se deste já que foi identificada a presença de fotos antigas nos cardápios selecionadas para análise (seja do estabelecimento em si, mas também da própria cidade de Campinas).

[o] uso de imagens fotográficas [...] em mídias diversas (jornais, revistas, peças publicitárias etc.), como parte da elaboração de matérias informativas, aumentou nos últimos anos, notadamente após o aparecimento e crescimento da tecnologia digital fotográfica e da facilidade de armazenamento de imagens em bancos de dados disponíveis via Internet (Rodrigues, 2008, p. 74).

Nota-se que a atenção que se dá à presença da fotografia nesse material pode ter várias possibilidades, estando isso relacionado à aparência e intenção do seu uso no lugar de memória. Isso implica a facilidade que os dispositivos digitais oferecem para a criação e busca por imagens antigas.

Assim, pontuados esses três temas, envoltos na construção do cardápio e a sua relação com diferentes tecnologias, percebe-se como diferentes elementos, intrínsecos à organização do homem na sociedade, podem ser observados em variados objetos do cotidiano e nos lugares de memória. Conseqüentemente a isso, uma posição, tomada por Cupani (2016, p. 16), adentra nessa discussão, já que,

[p]or fim, cabe estender nossa percepção da tecnologia como objetos reparando em que comidas, remédios e próteses são também manifestações de objetos tecnológicos e que o planeta inteiro, na medida em que é cada vez mais modificado pela ação humana, pode ser enxergado como um grande artefato.

Dessa forma, entender a tecnologia nos seus diferentes “formatos” auxilia na própria compreensão que se pode ter sobre o homem e a sua transformação na vida social, observando como todas essas questões aderem na compreensão de um objeto, neste caso, o cardápio, entendendo-o de forma plural em sua aderência social e cultural.

## 2.4 Contextualizando localmente o cardápio na cidade de Campinas<sup>14</sup>

Apesar da grande maioria das informações sobre a história do cardápio ter sido encontrada em referências sobre o contexto europeu, a história e compreensão do uso desse objeto no Brasil também tem relação com o Velho Mundo. Contudo, é preciso fazer uma ressalva. Como este trabalho pretende analisar cardápios de estabelecimentos da cidade de Campinas (SP), uma pesquisa que englobe estabelecimentos que servem refeições em Campinas precisa também delinear o contexto histórico-social do estado de São Paulo.

Assim, percebe-se a relevância do ciclo do café e a implementação da ferrovias em um processo de crescimento econômico e de interrelações culturais na região, um reflexo de processos migratórios. Destacando, essencialmente, a história da cidade de Campinas, segundo Silva (2006, p. 81), essa cidade é fruto da “admirável expansão portuguesa em demanda dos Sertões de Goiás tendo o intuito de estabelecer a ligação entre essas áreas auríferas e São Paulo”. Além disso, Silva (2006, p. 82) ainda aponta que, por volta de 1830, o plantio do café foi ensaiado com êxito e os fazendeiros iniciaram a substituição dos canaviais pelos cafezais. Assim,

[a] rápida substituição dos canaviais por cafezais pode ser explicada por uma série de fatores internos e externos. Toda aquela infraestrutura criada pela cana agora assegurava condições favoráveis à implantação do café: estocagem de mão-de-obra escrava, acumulação de capital, abertura de estradas para o escoamento agrícola, experiência nos transportes e na comercialização etc. As condições do mercado externo, ávido de café e saturado de açúcar, também lhe eram favoráveis (Silva, 2006, p. 94).

Percebe-se, então, que Campinas cresceu, especialmente após meados do século XIX, por meio da riqueza gerada pela lavoura cafeeira e este fator relaciona intimamente a expansão urbana com o campo (Celia; Daniele Neto, 2002, p. 109). Além disso,

---

<sup>14</sup> Foi no ano de 1842 que Campinas foi elevada à categoria de cidade, antes era vila de São Carlos.

[...] o café, foi sem dúvida o impulsionador da rápida expansão urbana da cidade de Campinas e das cidades da região, gerando um surto de crescimento econômico e trazendo novos empreendimentos essenciais para a economia do Brasil durante o século XIX, tais como os investimentos em estradas de ferro, financiadas por capitais ingleses em sua grande maioria (Pellicciotta, 1997, p. 103 apud Celia; Daniele Neto, 2002, p.108).

Com a advento do ciclo do café, também houve a expansão da rede ferroviária na região para se ter uma ligação entre diferentes partes do país. Em Campinas,

[o] trem chegou em 1872, com a Companhia Paulista de Estrada de Ferro ligando Campinas a Jundiaí, completando, com esse trecho, a interligação com Santos, agora transformado em porto de escoamento do café produzido no Velho Oeste paulista. Também em 1872, nascia, em Campinas, a Companhia Mogiana, com o intuito de estabelecer a ligação com Moji-Mirim e atingindo posteriormente as divisas com Minas Gerais (Silva, 2006, p. 95).

Dessa forma, a cidade se tornou um importante polo de atividades empresariais, comerciais, centro de serviços e destacado núcleo cultural, resultado de uma aliança inseparável (café, ferrovia e aceleração da vida urbana), que foi responsável pelas mudanças materiais nas fazendas e pela alteração nos hábitos e na mentalidade do campo (Silva, 2006, p. 95).

Isso aconteceu porque, com o desenvolvimento econômico e a expansão urbana do município do período, encontrou-se uma diversificação dos hábitos de consumo da população do estado de São Paulo aos quais, de acordo com Celia e Daniele Neto (2003, p. 110), a sociedade paulista aderiu rapidamente, incluindo os modismos em voga na Europa, principalmente da França. Dessa forma, em Campinas, “surgem lojas de roupas, *restaurantes* que anunciavam o melhor da cozinha francesa, casas de música que vendiam partituras e pianos importados, tal como acontecia no mesmo período na capital São Paulo” (Celia; Daniele Neto, 2002, p. 110).

Diante da última informação exposta, um fato é relevante de ser trazido para esta pesquisa: no contexto da Proclamação da República (1889) e da formação

das confederações dos estados brasileiros, houve “epidemias sucessivas de febre amarela nos anos finais do século XIX, que iriam modificar os rumos da expansão urbana posterior [...]” (Celia; Daniele Neto, 2002, p. 122), já que,

[n]o final do século 19, já existia, portanto, um florescente mercado comercial e industrial em Campinas, impulsionado pelo café e pela presença do sólido pelo ferroviário. Mas a cidade que até então aspirava a ser capital da Província de São Paulo passaria por enorme trauma, com a eclosão da epidemia de Febre Amarela, com vários surtos entre 1889 e 1897 (Martins; Flosi, 2015, p. 17).

Assim, após essa breve introdução sobre a cidade, tem-se por foco discutir, propriamente, o surgimento de restaurantes e estabelecimentos na cidade, o qual está vinculado às transformações sociais do Brasil, principalmente do estado de São Paulo, na segunda metade do século XIX.

Por meio das leituras realizadas, percebeu-se que há uma similaridade entre o surgimento de restaurantes nas cidades de Campinas e São Paulo. Em São Paulo, especificamente, os restaurantes começaram a aparecer a partir da segunda metade do século XIX, sendo a maioria desses estabelecimentos de posse de europeus (Bueno, 2004, p. 77). Além disso, Bueno (2004, p. 11), complementa ainda que, ao longo do século XIX, foram inaugurados hotéis com restaurantes, primeiro para hospedar e alimentar viajantes de passagem pela cidade, depois, também, como lazer da aristocracia para fazer suas refeições.

Uma informação relevante é que, no ano de 1885, Campinas já tinha 579 estabelecimentos comerciais registrados, incluindo 15 padarias, 9 restaurantes e 2 macarronarias (Martins, 2015, p. 16). Este último tipo de estabelecimento aponta uma relação com a imigração italiana que ocorreu no país, principalmente no Estado de São Paulo, pela entrada no porto de Santos. Segundo Baldin (2018) foi por volta de 1874 já se encontravam poucos italianos em Campinas. Mas eles vieram mesmo em grande número no final da década de 1880.

Outro tipo de estabelecimento que merece destaque é o da cafeteria. Por volta de 1820, como apresenta o Museu do café (2024), começam a aparecer no Rio de Janeiro as primeiras cafeterias propriamente ditas, mas, em contrapartida, em São Paulo, as cafeterias aparecem mais tardiamente, a partir da década de 1850. Foi no fim do século XIX, no Brasil,

[n]a Belle Époque [...], período em que se importava arte, tendências e hábitos europeus, sobretudo de Londres e Paris, [que] começaram a surgir as confeitarias como a Confeitaria Colombo. Mais requintadas que as tradicionais, não tinham os boêmios como frequentadores, mas sim pessoas da alta sociedade, inclusive mulheres, que eram um público atípico dos cafés (Museu do Café, 2024).

Alguns exemplos de estabelecimentos, referentes ao período de transição entre os séculos XIX e XX, são trazidos por Trivisani (2021):

Em 1880, foi inaugurado o restaurante Des Pirinés, conceituado por sua cozinha à la carte. Já o Restaurante de France, fazia anúncios em francês nos jornais locais para sugerir suas especialidades. Um terceiro endereço gastronômico bastante apreciado era o La Renaissance, localizado na rua Regente Feijó (Trivisani, 2021).

Além desses citados, “durante muitos anos, funcionou em Campinas o Hotel de França, estabelecimento de Ferdinand Domingos, que mantinha restaurante, sorveteria, confeitaria, salão de chá e fábricas de doces finos” (Trivisani, 2021)<sup>15</sup>. Percebe-se então a presença de restaurantes na cidade que tentavam representar um ideal do modo de vida europeu.

Já no século XX, o restaurante Armorial, que ficava na rua General Osório, tendo o seu período de funcionamento de 1953 a 1977, foi mais um exemplo de estabelecimento que teve fundadores franceses. O que se destaca do Armorial é que ele, segundo Trivisani (2021), recebia campineiros e figuras

---

<sup>15</sup> Uma informação encontrada sobre hotéis é de que até 1900 eram em número reduzido na cidade. Entretanto, alguns ofereciam esmerado e completo serviço no gênero, como o Hotel de França, mantendo o “ar europeu” da época, instalado no prédio à rua do Rosário (atual av. Francisco Glicério) com serviços de restaurante, bar, confeitaria e pensões (comida) em domicílio, sem similar à época” (Fantinatti, 2007).

ilustres de outros países, como a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, que na década de 60 veio inaugurar o Instituto Agrônomo de Campinas.

É necessário mencionar também o Hotel Terminus, inaugurado em 1949, na Avenida Francisco Glicério. Lima Neto (2020) aponta que, naquela época, os hotéis não eram classificados por estrelas, embora os que tinham uma melhor qualidade eram denominados finos, sendo o Terminus o primeiro desse tipo a ser erguido na cidade. O importante a se frisar é que,

[a]lém de seus aposentos e de todo o serviço de primeira linha, o hotel tinha no térreo a Doceira Terminus Bar, que fazia muito sucesso. Na década de 1950, era o principal point da elite campineira. Ali, as damas da sociedade se encontravam para tomar chá (Lima Neto, 2020)

Após a contextualização sobre o surgimento e primórdios dos estabelecimentos de consumo alimentar na cidade, buscando historicizar as origens dos estabelecimentos com esse propósito, apresenta-se uma mudança de foco para questões e exemplos mais atuais, visando a aproximação para o nosso contexto de estudo. Assim, atualmente, a prefeitura de Campinas organizou um documento, no ano de 2020, com o título de “Plano de desenvolvimento turístico de Campinas”, que contém informações sobre restaurantes da cidade. Isso é feito, pois

[o] Turismo gastronômico, assim como o Turismo de eventos e negócios, consiste num importante segmento turístico de Campinas. Tradicionalmente a cidade é reconhecida pela qualidade e variedade de bares e restaurantes (Prefeitura, 2020, p. 120).

Nesse documento, foram encontrados dados relevantes para o estudo aqui proposto, trazendo informações sobre estabelecimentos que funcionam ainda nos dias de hoje e que são relevantes para a história gastronômica da cidade. Além do fator histórico, o que foi encontrado também tem como propósito entender o panorama atual de onde esses estabelecimentos se encontram localizados no município.

Assim, se coloca que a tradição gastronômica em Campinas pode ser observada nos diversos estabelecimentos que há décadas operam na cidade, tais como: Giovannetti (fundação em 1937), Eden Bar (1889), Café Regina (1952), Hirata (1974), Restaurante Rosário (1948), City Bar (1950) e Bar do Voga (1948). Adicionado a isso, o documento também apresenta a ideia de que

[a]lém destes estabelecimentos que já fazem parte da história de Campinas, muitos deles foram cenários para o surgimento de vários petiscos e práticas culinárias que se espalharam pelo país, como é o caso do petisco Bolacha de Provolone e o corte de sanduíche Boquinha de Anjo. Entre alguns pratos tradicionais que são encontrados na cidade, ainda podemos citar: o Bifão do Zuza, a esfiha de carne do Papai Salim, o camarão empanado do Restaurante do Rosário, a salada de rúcula do Restaurante Hirata, as massas caseiras da Macarronada Italiana, o sanduíche de pernil com aliche do Facca Bar, a costela do Restaurante Carro de Boi e os lanches Psicodélico e Casal 20 do Giovannetti (Prefeitura, 2020, p. 278).

Sob uma perspectiva geográfica, no documento (2020, p. 280) também se apresenta uma relação dos territórios gastronômicos consolidados ou em consolidação que existem na cidade, sendo citadas as regiões: Centro, Distrito de Barão Geraldo, Distrito de Sousas, Distrito de Joaquim Egídio, Bairros Cambuí, Taquaral, Proença e Guanabara. Mas também existem outros espaços a que são reservados atenção: os shoppings. Dessa forma,

[o]s shoppings centers presentes na cidade consistem também em importantes roteiros gastronômicos, com destaque para as praças de alimentação dos shoppings: D. Pedro, Iguatemi Campinas, Galleria, Campinas Shopping, Parque das Bandeiras, entre outros. Estes centros de alimentação atraem restaurantes renomados de expressão nacional e internacional (Prefeitura, 2020, p. 280).

Após esse panorama geral dos restaurantes campineiros, de como surgiram e os locais em que se estabeleceram como pontos de interesse da população local, faremos um breve desvio para trazer nossos percursos e escolhas metodológicas.

### 3. Metodologia e contexto da pesquisa

Diante do que foi previamente colocado, poderíamos resumir que nossas escolhas metodológicas descrevem a pesquisa como qualitativa e um estudo de caso, a partir da análise de cardápios de estabelecimentos da cidade de Campinas-SP, os quais constituíram nosso corpus, e que foram selecionados no decorrer da realização de um estudo exploratório.

Segundo Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes, sendo ela a indicada para a pesquisa que está sendo realizada. Isso se reflete na forma como a pesquisa foi estruturada e realizada, pois busca diferentes informações que dialoguem com o “objeto” cardápio. Na verdade, indica-se entre aspas o objeto porque ele se constitui de uma construção da pesquisadora, muito mais como uma escolha temática que envolve fatores históricos, sociais e culturais do que um “dado” em si.

Dessa forma, antes de caminhar para a análise, houve a necessidade primeira de construir um repertório de conhecimentos que dizem respeito ao cardápio e elementos que dialogam com ele. Conseqüentemente, houve uma intenção de apresentar um compilado teórico a respeito do objeto de análise, bem como outras informações relacionadas ao objeto de estudo dentro desse contexto. Isso se deve ao fato da necessidade de compreender o que é esse objeto antes de analisá-lo propriamente. Isso porque, a análise de um grupo pequeno de cardápios selecionados (parte final do trabalho), se caracteriza como um estudo de caso, estando este vinculado a questão da memória.

Sobre a parte bibliográfica do trabalho, ela tem por objetivo também contextualizar a pesquisa e mostrar o que já existe sobre o objeto investigado (Paiva, 2019, p. 59-60), ou seja, o estudo do cardápio. Percebe-se, então, que há uma preocupação histórica e social nesse estudo e não somente uma análise descontextualizada.

Adiciona-se nesse contexto o fato de a pesquisa ser interdisciplinar, com o uso da perspectiva dos letramentos, da abordagem da multimodalidade e da

semiótica social como ferramentas para a construção de significados, partindo da premissa de que o cardápio é um lugar de memória. Conseqüentemente, visa-se delimitar a análise na identificação e inferências de informações multimodais presentes no corpus de pesquisa que dialogam com vestígios de memórias.

Outro ponto relevante a se mencionar é que durante o processo de estudo bibliográfico a seleção do corpus de pesquisa foi feita delimitando-se na escolha de três cardápios para uma análise desses elementos. Isso significa que diversos cardápios foram coletados, passaram por uma análise prévia, mas que nem todos foram selecionados para uma análise do tipo multimodal como sugerida nessa pesquisa, mas os que se enquadravam para entender aspectos memorialísticos da cidade. Faz-se isso como justificativa da escolha de exemplos pertinentes para a pesquisa como um todo, tendo por princípio motivador a forma de relacionar os diferentes tipos, elementos e informações presentes nos materiais encontrados.

Portanto, não foi feita uma análise integral dos cardápios selecionados, mas sim de um recorte onde informações diretamente relacionadas a questão da memória foram identificadas ao entender o cardápio como sendo um lugar de memória. Essa escolha sobre a compilação do corpus, realizada ao longo da pesquisa, visou a uma percepção de elementos presentes nos diferentes materiais coletados, com o intuito de realizar uma identificação de informações relevantes de serem percebidas sob uma visão interdisciplinar, e até mesmo estudadas em outras pesquisas.

Entendendo que este trabalho se configura como um estudo de caso, caracteriza-se como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente (Godoy, 1995, p. 25) e que também tem o propósito de entender a natureza complexa e dinâmica de uma entidade particular, descobrindo conexões sistemáticas entre experiências, comportamentos e características relevantes do contexto (Johnson, 1992, p. 84 apud Duff, 2008, p. 32 - tradução nossa), para qual uma sequência de etapas foi estabelecida.

Após a consolidação da pesquisa bibliográfica e coleta e escolha dos cardápios, o processo de análise passou a ser o foco. A análise que foi proposta visou identificar como os diferentes modos e elementos estão sendo

usados nos textos, com o intuito de inferir sobre a construção de sentidos a respeito da memória e a sua presença nos cardápios. Assim, a análise dos cardápios escolhidos (*Voga, Giovanetti e Facca Bar*) teve como foco identificar e inferir sobre a multimodalidade que os constituem adentrando a questão do cardápio como lugar de memória.

A escolha desses três cardápios foi delimitada por uma questão espacial/geográfica, no sentido de que todos estão localizados próximos um dos outros e se referem à região central de Campinas. Além disso, a escolha desses deve-se, principalmente, ao fato deles pertencerem a estabelecimentos ditos tradicionais da cidade. Isso no sentido de eles serem antigos (longo tempo de funcionamento) e que se relacionam à própria história da cidade.

Assim, viu-se uma necessidade de organizar quais seriam os cardápios a serem analisados. A divisão por tipo de estabelecimento (comida servida) foi uma das alternativas de categorizar a escolha. Contudo, a opção de realizar uma aproximação temática (estabelecimentos tradicionais) dentre eles, pareceu ser a mais interessante e pertinente em relação à questão da memória.

Assim, a análise terá por foco observar os modos, estando eles vinculados à percepção da memória em relação a: 1. material escrito (parte verbal) – texto verbal que apresenta informações sobre memória e história. 2. material imagético – diante da escolha final dos cardápios, esse material refere-se à fotografia, seja no seu uso e presença, bem como na sua relação com a parte escrita<sup>16</sup>. 3. layout – perceber a organização e distribuição das diferentes informações contidas nos cardápios e refletir como essa organização visual interfere na leitura desse texto multimodal (exemplo: agrupamento de informações, posições das fotos).

Conseqüentemente, a análise também se propõe a refletir sobre o porquê das escolhas (propósitos/ interesses por parte do “produtor”), a presença de imagens mentais de elementos do texto (palavras/fotos), ou seja, sobre o contexto de produção dos cardápios escolhidos diante da relação desses com o estabelecimento ao qual eles pertencem. Assim, o processo de leitura do

---

<sup>16</sup> Essa análise dos modos deverá ser feita não isoladamente, mas na sintonia entre eles, a partir do que foi apresentado no estudo teórico-metodológico.

cardápio implicaria em utilizar o conhecimento prévio e o contextual para se inferir um significado das informações que foram apresentadas. Consequentemente, foi realizada uma análise que se relaciona um objeto do cotidiano às questões de memória e como a multimodalidade materializa essa prática.

## **4. Arcabouço teórico**

Nessa parte pretendemos desenvolver alguns conceitos teóricos que, inclusive, embasaram o modo de olhar o objeto e o tipo de análise a ser feito dos cardápios. Assim, terá por foco apresentar e discutir, dentro do tema da pesquisa, as ideias de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), principalmente no que se reflete à leitura e compreensão crítica da análise e visão do objeto. Adicionam-se a esses estudos os apontamentos teóricos de Kress e Van Leeuwen (2006, 2010), abordando a multimodalidade e a semiótica social, em que os autores propõem a chamada gramática do design visual, um modelo que se apresenta como uma possibilidade da análise de textos multimodais que levam em conta a produção de significados socialmente.

Ainda que as teorias apresentadas por Kress e Van Leeuwen (2006, 2010) sejam mais relevantes para pensar e refletir sobre o objeto de estudo e não para o uso direto na análise, demonstrou-se ser interessante trazer alguns apontamentos de sua teoria nesse espaço para a discussão.

### **4.1 O uso dos letramentos**

Neste ponto do trabalho, faz-se necessária uma explicação sobre o conceito de letramento(s), principalmente por ele embasar parte da sequência metodológica do trabalho aqui desenvolvido. Além disso, é necessária uma discussão acerca do deslocamento de seu uso, voltado, inicialmente, para o ambiente escolar e das práticas pedagógicas, e, aqui, para compor a metodologia de análise de uma pesquisa acadêmica.

Ademais, é relevante ainda esclarecer o porquê da escolha de se utilizar essa linha teórica na pesquisa. Tendo uma relação com questões de leitura textual, a visada que os letramentos proporcionam ao estudo do cardápio é o de vê-lo como um texto complexo, em que vários elementos compõem a sua leitura. Assim, é por meio dessa abordagem que foi possível perceber e analisar o cardápio como sendo um lugar de memória. Isso porque a leitura desse objeto/texto não foi meramente feita sob uma visão simples e convencional do

mesmo, mas sim identificando outra(s) leitura(s) possível(is). No caso, essa leitura seria aquele em que o cardápio se transforma em um lugar de memória.

Além disso, tentaremos conectar obras diferentes que relacionem letramento às visualidades para criar uma relação entre as teorias propostas nessas obras. Isso porque a obra de Kalantzis, Cope, Pinheiro (2020), ao abordar a leitura e análise de textos multimodais e visuais, utilizam como base os trabalhos de Kress e Van Leeuwen sobre a gramática do design visual (recurso para uma análise multimodal). Assim, realizar uma complementação teórica entre letramentos e o design visual a partir de diferentes obras, demonstrou-se ser necessária no desenvolvimento da teoria, bem como no da análise. Outro ponto seria o de que a maioria desses autores estão vinculados ao *New London Group*<sup>17</sup>, e, conseqüentemente, aos estudos sobre leitura multimodal.

Começando pela definição de que os letramentos seriam a ação de “reconhecer múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os modos visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual” (NLG, 1996, p. 64 apud Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020, p. 19) isso dialoga diretamente com os objetivos dessa pesquisa, tendo como objeto de estudo o cardápio. Dessa forma,

[...] as capacidades a serem trabalhadas em processos de letramento devem envolver não apenas o conhecimento de convenções formais por meio de uma variedade de modos, mas também a comunicação eficiente em diversos ambientes e usos de uma ferramenta de design de textos que são multimodais, em vez de depender apenas da modalidade escrita (Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020, p. 22).

Diante disso, na construção do processo metodológico dessa pesquisa, que tem o propósito de analisar a composição visual e verbal de cardápios impressos, utilizar a perspectiva dos letramentos mostrou-se pertinente, uma vez que

---

<sup>17</sup> O *New London Group* foi um grupo de estudiosos que marcaram preocupações quanto a uma nova abordagem de leitura e aprendizado de textos na contemporaneidade. Além disso, “as propostas de trabalho do grupo estavam voltadas para os estudos semióticas dos textos envolvendo diferentes formas de produzi-los, veiculá-los e consumi-los, expandindo assim, o conhecimento sobre letramento” (Pinheiro, 2020, p. 16).

[...] os letramentos abrangem, mormente, as formas de lidar com os desafios de [o leitor] **ser confrontado com um tipo de texto desconhecido e ser capaz de procurar pistas sobre o seu significado** sem a barreira de se sentir alienado por ele e/ou excluído dele; **implicam também o entendimento de como funciona um texto para que se possa participar de seus significados** (engajar-se em suas próprias "regras" particulares); **abarcam ainda como elaborar o contexto particular e os propósitos do texto** (e aqui é possível encontrar mais pistas sobre seu significado para o comunicador e para si próprio); envolvem maneiras de ver e pensar (representação) tanto quanto construir mensagens significativas e eficazes (comunicação) (Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020, p 23) [destaques da pesquisadora].

Complementando essa afirmação, Kleiman (2005, p. 7) aponta que o conceito de letramento já entrou no discurso escolar, porém foi entrando por diversas portas, por ser um conceito usado por pesquisadores de diferentes áreas, ao falarem dos usos da escrita. Dessa forma, entende-se que os letramentos dizem respeito a como lidar com a comunicação em contextos diversos, enquanto o leitor navega por novos espaços sociais e diferentes usos de linguagens.

Diante do que foi exposto ao longo da proposta deste trabalho, relacionando esta parte teórica com a análise que será desenvolvida, ela se dará a partir da multimodalidade, em relação à questão da memória.

#### **4.2 modelo de análise do design**

Outro aspecto presente dentro de uma análise referida como análise do design, se baseia em fazer perguntas sobre os significados. Isso acontece por meio da descrição de uma metalinguagem de elementos do design, sendo isso necessário para descrever significados multimodais (Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020, p. 187-188). Outra forma de descrevê-lo esquematicamente seria:

ANÁLISE DO DESIGN → ANÁLISE DE BLOCOS DE CONSTRUÇÃO  
DE SIGNIFICAÇÃO

Nesse tipo de análise, existem cinco questões que podem ser levantadas a respeito de qualquer significado, denominadas de elementos do design.

Quadro 2 - Resumo da análise do design

<b>Referência:</b> O que os significados descrevem?
<b>Diálogo/Interação:</b> Os significados conectam quem e o quê (pessoas)?
<b>Estrutura/Composição:</b> Como os significados se mantêm juntos?
<b>Situação/Contexto:</b> Como o contexto (de produção e de leitura) molda os significados?
<b>Intenção/Propósito:</b> a quais propósitos e interesses os significados são destinados?

Fonte: Elaboração própria a partir do texto de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020)

Já que o trabalho tem por foco o texto multimodal (o cardápio), é interessante como a relação “verbal/não verbal” pode ser trabalhada. Esse tipo de problematização é um dos pontos de análise dos cardápios aqui estabelecido, em que a percepção da relação escrita e imagem se torna cada vez mais forte.

Conseqüentemente, durante a leitura e análise dos cardápios, perceber o contexto (tanto de produção e de leitura) dos exemplares selecionados, a interação entre os elementos apresentados (palavras, frases, imagens, iconografia) por meio da sua escolha de uso e posição na página do cardápio serão ações realizadas na análise. Nota-se que fazer previsões, interpretar e refletir sobre um texto são vistos como ações importantes a serem realizadas na sua leitura e análise.

Ademais, pela pesquisa ter por foco a relação entre multimodalidade e memória, a leitura contextual dos cardápios é vista como sendo essencial para a parte de compreensão do objeto e sua análise.

### **4.3. Kress e Van Leeuwen: obras e conceitos**

De forma a expor alguns conceitos das obras de Kress e Van Leeuwen (2006, 2010), que auxiliaram teoricamente e metodologicamente na análise aqui realizada, apresenta-se aqui uma explanação sobre eles.

### 4.3.1. Gramática do design visual

A gramática do design visual (daqui por diante GDV), elaborada por Kress e Van Leeuwen, foca a análise de imagem, mas também trata-se de um recurso relevante para a análise de textos multimodais, como os cardápios. Assim, antes de começar a tratar explicitamente sobre a gramática do design visual dentro da proposta de análise desse trabalho, faz-se necessário explicar o que a GDV seria propriamente.

Desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006, p. 13-14), a proposta da GDV foi a de promover uma estrutura descritiva que pode ser usada como ferramenta para análise visual<sup>18</sup>. Consequentemente, pela percepção de Ottoni e Guisardi (2019, p. 128), criou-se uma proposta teórico-metodológica para uma análise crítica de gêneros multimodais. Dessa forma, Pereira e Bueno colocam (2015, p. 200) que a GDV aborda formas de comunicação que empregam imagens e discutem sobre como os componentes visuais de um texto são organizados e estruturados para a produção de sentido.

Isso se aproxima dos objetivos desse trabalho, no que diz respeito a analisar a composição visual do corpus de pesquisa diante da utilização de diferentes modos, pois a análise aqui proposta busca observar os elementos e componentes visuais apresentados nos cardápios selecionados e inferir sobre os sentidos por eles provocados. Isso porque, nas palavras de Kress e van Leeuwen (2006, p. 1, tradução nossa),

[a]ssim como as gramáticas da linguagem descrevem como as palavras se combinam em orações, frases e textos, também a nossa “gramática” visual descreverá a forma como os elementos representados – pessoas, lugares e coisas – se combinam em “afirmações” visuais de maior ou menor complexidade e extensão<sup>19</sup>.

É possível apontar, com a posição de Silveira e Cunha (2021, p. 28), que a palavra gramática gera dúvidas por se ligar a noção de regras. Todavia a ideia

---

<sup>18</sup> *We seek to develop a descriptive framework that can be used as a tool for visual analysis.*

<sup>19</sup> *Just as grammars of language describe how words combine in clauses, sentences, and texts, so our visual ‘grammar’ will describe the way in which depicted elements – people, places, and things – combine in visual ‘statements’ of greater or lesser complexity and extension.*

de gramática foi pensada pelos autores tendo em vista demonstrar as instâncias denotativas e conotativas do significado iconográfico e iconológico de grupos específicos tais como: pessoas, lugares e coisas representadas em imagens. Assim, a proposta é de realizar uma aproximação entre o código verbal e o imagético nos seus usos para a representação das coisas do mundo. Dessa forma, a GDV “propõe-se a descrever a forma pela qual indivíduos, coisas e lugares são combinados em uma totalidade constitutiva de sentido” (Carvalho, 2010, p. 266). Além disso, segundo o que coloca Leal (2011, p. 176 apud Pereira; Bueno, 2015, p. 201), a GDV

[...] configura-se como um quadro teórico-metodológico, dentro da Semiótica Social, procurando analisar o texto a partir da compreensão do uso dos diferentes modos semióticos com vista a uma interpretação crítica de condutas ideológicas. (tradução nossa)

Somando-se a isso, Ottoni e Guisardi (2019, p. 128), expõem, de forma resumida, que Kress e van Leeuwen (2006) defendem que todos os modos semióticos realizam três grandes metafunções: a ideacional (que representa o que está a nossa volta ou dentro de nós); a interpessoal (que realiza interações sociais); e a textual (a forma como os elementos interativos e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir o significado).

Conseqüentemente, a GDV mostra-se pertinente nessa pesquisa, pela sua forma de olhar e analisar textos e gêneros multimodais, objeto de nosso trabalho.

No que diz respeito a sua percepção com a questão da memória, uma identificação de elementos constitutivos de ambos será feita, de modo a entender como a memória está sendo apresentada, ou ainda, identificando seus processos de construção nos cardápios selecionados. Para isso, observa-se o uso da multimodalidade.

### 4.3.2. Multimodalidade e semiótica social

Sobre a multimodalidade, já brevemente introduzida nesse trabalho, Gualberto e Santos (2019, p. 6) apontam que, ao falarmos de aspectos relacionados à comunicação, gêneros de discurso, discurso, leitura, escrita, é recorrente o uso do termo *multimodalidade*. Partindo dessa visada, mostra-se pertinente a sua introdução na pesquisa sobre cardápios, principalmente levando em conta os objetivos desta pesquisa.

Diante disso, a multimodalidade é definida como o uso de diversos modos semióticos juntamente com as formas como esses modos são combinados (Kress 2001, p. 20 apud Ribeiro, 2021, p. 26). Mas não somente isso. Santos e Pimenta (2014, p. 303) apresentam que, para Kress e Van Leeuwen (2001), a multimodalidade é um campo de estudos interessado em explorar as formas de significação modernas, incluindo todos os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação.

É aqui que destacamos uma explicação sobre o que seriam esses “modos”, pois nisso está o cerne do que rege a compreensão sobre a multimodalidade. Kress (2010, p. 79) coloca que são recursos semióticos socialmente delineados e culturalmente dados para criar significados. Logo, o uso de diferentes modos em um texto<sup>20</sup> o torna multimodal.

Contudo, Kress e Van Leeuwen (1998 apud Ribeiro, 2021 p. 12) apresentam a ideia assertiva de que todo texto é multimodal. Nisso está intrínseca a ideia de que a multimodalidade não está apenas na combinação, ou até mesmo junção, de diferentes modos em um único texto, mas sim na apresentação deles na construção do texto. Kress e Van Leeuwen (2001, p. 28 apud Ribeiro, 2021, p. 12) ainda afirmam que todos os aspectos da materialidade e todos os modos reunidos de um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para a construção do significado. Consequentemente, entende-se que todo texto é multimodal, já que para Kress e Van Leeuwen (2001, p. 04 apud Santos;

---

<sup>20</sup> Para Kress e Van Leeuwen (2006, p. 216 apud Ribeiro, 2021, p. 32), uma definição de textos seria: objetos materiais que resultam de uma variedade de práticas representacionais e produtivas que empregam uma gama de recursos significativos organizados como sistemas (que são chamados de ‘modos’), e uma gama de mídias, materiais – superfícies de produção, substâncias de produção e as ferramentas de produção.

Pimenta, 2014, p. 303), os textos multimodais são vistos como produção de significado em múltiplas articulações.

Pretende-se agora realizar uma aproximação sobre o que foi colocado com o objeto de estudo, no que tange ao texto escrito. Kress (2003, p. 11 apud Ribeiro, 2021, p. 35) pontua que não se pode mais esperar compreender os textos escritos olhando apenas para os recursos de escrita isoladamente, no sentido de que eles precisam ser vistos num contexto da escolha de modos feita, os modos que aparecem junto com a escrita e no contexto dos modos que não foram escolhidos. Aqui já temos a menção da importância do contexto tanto da produção como da leitura de textos (multimodais). Essas ações são relevantes para o estudo e análise do cardápio, já que elas se relacionam com a organização visual desse texto.

Assim, segundo Ribeiro (2021, p. 35), o texto multimodal, mesmo que ele não apresente imagens, apresentará o *layout*, que é sempre resultado de escolhas e edição, o que, aqui, interfere na sua análise. Além disso, a autora (Ribeiro, 2021, p. 42), no que se refere a essa organização visual dos elementos verbais em um texto, ainda coloca que a distribuição – ou a ‘orquestração’, como preferem Gunther Kress e Theo Van Leeuwen (2006) – dos elementos que compõem uma página não se dá ao acaso ou de forma impensada, e que cada decisão de divisão do texto, escolhas de fontes e corpos, cores, imagens, detalhes gráficos é tomada com base na experiência de edição. Essa ideia da distribuição mostra-se de extrema importância para a análise que será realizada, pois é a partir de tal organização que a leitura se dará.

Isso posto, todo esse processo está amparado pela perspectiva da semiótica social (SS daqui por diante). Como coloca Santos e Pimenta (2014, p. 298), a SS tematiza o significado enquanto processo, seguindo as influências dos estudos pós-estruturalistas, e que tem no processo de significação parte da construção social. Partindo disso, o foco da SS está na “forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos para interpretá-los – que é uma forma de produção semiótica – no contexto de situações sociais e práticas específicas” (Van Leeuwen, 2005, p. xi apud Santos; Pimenta, 2014, p.299).

Assim, a inclusão de ambos esses elementos (multimodalidade e semiótica social), demonstram uma importância para a identificação do cardápio como objeto social, e conseqüentemente, nessa pesquisa, também histórico, acoplada a sua percepção como lugar de memória.

Contudo, vale destacar que “um estudo multimodal de textos amparado na SS não se resume a analisar outros modos em relação ao verbal, é muito mais do que colocar a atenção em outros modos de produzir significados. Isso é dito com o intuito de deixar exposto que a leitura e análise de textos multimodais devem ser feitas unindo todos os modos (de significação)<sup>21</sup>. Conseqüentemente, seguindo a compreensão de Santos e Pimenta (2014. p. 304),

[a] multimodalidade tematiza a forma como o significado se organiza, como pode ser expresso por diferentes modos semióticos e quais semióticas produz. Por esta razão, esse campo teórico enfatiza que o processo de produção de significado, mais do que o significado enquanto núcleo em si mesmo, se torna o foco das análises, pois interessa investigar o que, com qual modo e como o significado foi processado, pois todos esses níveis contribuem para sua articulação e interpretação.

Assim, não somente a identificação do verbal e do imagético, relacionados à questão da memória será feita, mas sim, uma compreensão de como esses modos se relacionam, de forma a trabalharem juntos, proporcionando um entendimento do cardápio, a partir da sua construção multifacetada como lugar de memória.

Visto que a memória pode ser construída, ou melhor, que existem agentes sociais que a organizam e a apresentam (visto o seu caráter seletivo), compreender o cardápio como constituído de uma produção semiótica é relevante.

---

<sup>21</sup> Não é uma leitura/análise de verbal e imagem, mas sim de verbal + imagem como ambos constituindo um único texto.

## 5. Análise dos cardápios

Nesta parte do trabalho, a análise dos três cardápios será realizada, segundo as escolhas metodológicas aqui trabalhadas. Assim, será feita uma apresentação individual de cada um, com o intuito de apresentar as informações de maior destaque e, em seguida, faremos uma comparação entre os três cardápios, a fim de realizar um estudo das semelhanças e diferenças entre eles. Será necessário, também, apresentar os respectivos estabelecimentos dos cardápios que compõem o corpus de pesquisa, trazendo informações que falem sobre eles, de modo a se vislumbrar um pouco sobre a formação de suas identidades em Campinas.

O primeiro ao qual nos referimos é o *Giovannetti*, um restaurante com bar fundado no ano de 1937 em Campinas. Uma descrição encontrada em seu site oficial, descreve-o da seguinte maneira:

Aconchegante e tradicional, a casa do Rosário é mantida no local que deu origem ao *Giovannetti*, em 1937, com toda a sua história. Assim como antigamente, é possível apreciar um chopp e um aperitivo no balcão. Para quem procura tradição e qualidade, o *Giovannetti Rosário* é o lugar ideal<sup>22</sup>.

Aponta-se aqui como a própria descrição do lugar foca na questão da tradição e de um resgate do passado.

O segundo estabelecimento que trazemos é o *Facca Bar*, também conhecido por ser um restaurante com bar, similar ao *Giovannetti*. Foi fundado em 1958, mas fechou em 1984, sendo reaberto em 2006. Já o *Voga*, o terceiro estabelecimento do qual trazemos o cardápio, é uma pastelaria fundada em 1940. Uma descrição oficial que o próprio estabelecimento aponta é que ele é um lugar que mantém a tradição e qualidade até os dias de hoje, com seus pastéis tornando-se, ao longo dos anos, os mais famosos da cidade, além de servir deliciosas porções e lanches.

---

<sup>22</sup> Informação obtida no site oficial do estabelecimento, disponível em: <<https://giovannetti.com.br/#sobre>>. Acesso em 14 jan. 2025

Com isso colocado, outro ponto que merece atenção é a forma como eles são organizados no que se refere à questão da memória, sendo os cardápios entendidos como exemplos de lugares de memória. Nesse aspecto, há semelhanças e diferenças. No que diz respeito à utilização dos modos verbais e imagéticos na apresentação, ao leitor/consumidor, dos rastros de memórias neles apresentados, nota-se que, nos cardápios do *Giovannetti e Facca Bar*, o uso do modo verbal, ou seja, o uso da linguagem verbal, foi percebido como sendo majoritário e relativamente separado da parte de listagem dos itens de consumo. Já no *Voga*, o modo imagético, com o uso específico de fotografias, se faz mais presente.

Nas partes verbais, nota-se a presença de informações históricas e sociais, além de serem identificados exemplos, na escrita, de uma escolha lexical que remonta a uma ideia de tradição e de (re)descoberta do passado (pelo uso de fotografias antigas da cidade de Campinas)<sup>23</sup>. Outro exemplo a se mencionar é o destaque dado à expressão que data a abertura desses estabelecimentos, por meio do uso de “desde 19xx”., contida em todos os cardápios. Algo similar para destacar essa “antiguidade” do local ocorre no campo imagético com a regularidade no uso de fotos (antigas), que resgatam uma imagem de como esse passado foi, tanto dos estabelecimentos como da cidade de Campinas.

Conseqüentemente, ao tratar o cardápio como lugar de memória, por meio das informações multimodais presentes nele, ele se torna um veículo em que é possível resgatar um conhecimento sobre o passado e como ele ainda está presente nos dias de hoje na vida da cidade e das pessoas que ali vivem, seja em sua experiência real ou como lembrança do que foi.

Além disso, como já foi mencionado, não foi realizada uma análise dos cardápios na sua totalidade, ou seja, de toda a sua extensão, mas sim de partes e fragmentos que mais condizem com a questão da memória. Assim, por meio desse reconhecimento dentro dos próprios cardápios, uma identificação mais pontual pode ser feita a respeito das informações multimodais encontradas.

---

<sup>23</sup> Um outro exemplo seria o de como o próprio estabelecimento se coloca em seu site como um lugar que une gerações com memórias saborosas. Ver imagem no anexo ao final.

### 5.1 *Giovannetti* (unidade Rosário - 1937)<sup>24</sup>

Nesta parte de análise, optou-se por começar pelo cardápio do estabelecimento *Giovannetti* (unidade Rosário)<sup>25</sup>. Isso porque, dentre os outros cardápios selecionados, ele se mostrou mais complexo, no que se refere: a seleção de informações multimodais; a complementação de informações relevantes para a análise e pesquisa por meio de outros materiais (um jogo americano de papel que é servido); e uma relação entre os três cardápios, já que foi percebida informações semelhantes nos três.

Assim, primeiramente pontua-se que, na leitura desse cardápio, algo que se sobressaiu foram as escolhas lexicais, ou seja, da seleção de palavras presentes nele, que evocam um aspecto de único e de tradicional que esse estabelecimento se propõe quando se autodefine. Os exemplos apontados abaixo demonstram essas escolhas:

- *Os salgados – originais da casa*
- *Os originais – sanduíches exclusivos da casa / Corte boquinha de anjo*
- *Os clássicos – sanduíches do Brasil e do mundo à nossa moda / Corte boquinha de anjo*

Destacam-se, portanto, as palavras “originais”, “exclusivos” e “à nossa moda” e a criação da expressão “boquinha de anjo” para caracterizar um tipo particular de corte do sanduíche. Tal escolha transmite uma percepção de indicar uma tradição, já estabelecida, que esse estabelecimento possui. Visto que ele teve seu início no ano de 1937, a indicação verbal de que nele há uma exclusividade e, mais importante, uma originalidade, sugere a ideia de que uma “viagem ao passado” pode ser realizada a um lugar pertencente a outro tempo, por meio não só da sua visita, mas pelo consumo das iguarias pertencentes àquele tempo (sendo isso previamente indicado por meio do cardápio, não só pelas informações sobre aquele tempo, mas também sobre uma comida exclusiva desse estabelecimento

---

<sup>24</sup> Endereço: R. Gen. Osório, 1059 - Centro, Campinas - SP, 13010-111. Data de abertura: 1937.

<sup>25</sup> Existem outras unidades do restaurante (mais novas, uma no bairro Cambuí e outra no shopping Dom Pedro), mas a análise se deteve nesta unidade por ter sido a primeira (o lugar ainda é o mesmo desde a sua abertura) e por esta desejar “conservar”, de certa forma, as características originais do estabelecimento. É do cardápio desta unidade, portanto, que nos detivemos na análise.

que se perpetua – provavelmente com a mesma receita, mesmos ingredientes, mesmos sabores – hoje em dia. Temos assim, que a questão da memória não oferece apenas informações históricas, mas um retorno “cinestésico” às imagens e aos sabores.

Ademais, outra expressão que merece destaque é a “corte boquinha de anjo”. Como já foi mencionado previamente no trabalho, na parte da contextualização dos estabelecimentos da cidade de Campinas, essa é uma forma de se fazer e de cortar sanduíches que foi inventada neste estabelecimento. Isso se mostra relevante, não só pelo rastro da memória que isso denota, mas também na relação de convergência com outros cardápios (já que todos apresentam de forma clara a presença dos sanduíches no formato boca de anjo). A presença das palavras “originais” e “à nossa moda”, acrescentadas da identificação do corte “boquinha de anjo”, aponta, de forma sutil, porém direta, que esta última é uma característica tão marcante do estabelecimento, que foi adotada, inclusive, pelos outros dois restaurantes aqui citados, uma vez que tal nomeação de corte se tornou popular e foi incorporada em cardápios de outros estabelecimentos campineiros.

Figura 1: página 1 do cardápio do Giovannetti



Fonte: de autoria própria

No que se refere à análise deste estabelecimento especificamente (o *Giovannetti*), outro material, entendido aqui como complementar ao cardápio, também foi utilizado para realizar os apontamentos aqui propostos, ao se tratar da questão da memória e como ela está presente nos cardápios. Refere-se a um jogo americano de papel que é apresentado juntamente com o cardápio (no momento do consumo). Assim, a presença escrita do “boquinha ou boca de anjo” é relevante também de ser lido contextualmente.

Adianta-se que, mesmo sabendo que a introdução de um outro objeto para a análise possa se mostrar contestável, tendo em conta que os objetos centrais da análise são os cardápios em si, foi necessária a sua inclusão para que uma análise multimodal mais completa pudesse ser feita em relação ao próprio

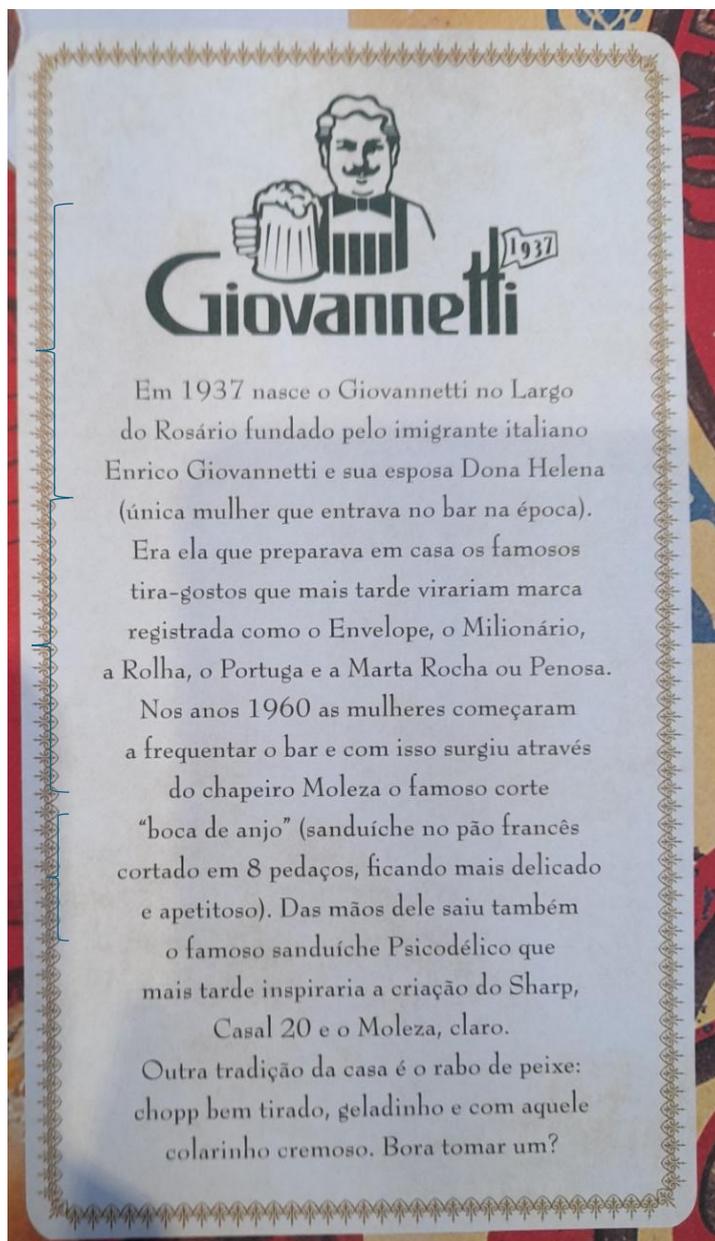
cardápio. Isso porque, nesse jogo americano de papel, há informações que dialogam com o cardápio em si sobre uma recuperação do passado do estabelecimento e, conseqüentemente, da sociedade. Apresenta-se abaixo a foto dele e, logo adiante, um destaque para o texto verbal presente nele.

Figura 2: jogo americano de papel do Giovannetti



Fonte: de autoria própria

Figura 3: recorte da parte verbal do jogo americano



Fonte: de autoria própria

Em um primeiro momento, focaremos na parte verbal desse material. No texto central é possível perceber uma série de informações que nos são apresentadas.

Podemos dividi-las em informações sobre a fundação e início do estabelecimento (1937, por imigrantes italianos), a invenção do corte “boca de anjo” (sanduíche no pão francês cortado em 8 pedaços – como ali é descrito) e

tradições da casa (os nomes de itens famosos como Envelope, Milionário, Rolha, Portuga, Marta Rocha/Penosa, Psicodélico, Sharp, Casal 20, Moleza e o chopp oferecido – rabo de peixe).

Outra informação de relevância colocada neste material diz respeito à presença da figura feminina dentro do estabelecimento. Sobre essa última, faz-se uma apresentação sobre dois momentos e situações da realidade social do século XX sobre a frequência das mulheres em bares, que nos são “narrados” em uma linha do tempo. O primeiro seria que, no período inicial da existência do estabelecimento, apenas Dona Helena, a esposa do fundador e também cozinheira do local, era a única mulher que entrava no bar na época, pois era ela quem preparava em casa os famosos tira-gostos. Nota-se então que a figura feminina está identificada como sendo apenas de uma única mulher – a Dona Helena – e está centrada em uma presença mais doméstica (dentro de casa), em que o fazer da comida para ser servida e vendida no estabelecimento era em casa, além da sua “permitida” entrada e presença no lugar se dava para levar a comida que fez em um outro lugar.

O segundo momento é centrado na informação sobre os anos 60 (mudança que ocorre mais de duas décadas desde a sua abertura) em que as mulheres começaram a frequentar o bar. É a partir da presença e consumo dessas mulheres que se deve o surgimento e a invenção do boca de anjo. Por meio desse corte, como nos é apresentado no texto, o sanduíche seria mais delicado de ser comido, pois é dividido em partes para ser consumido. Assim, é passada uma imagem sobre o comportamento feminino na sociedade, do século XX, centrado na sua delicadeza, que é expressa na textualidade verbal. Consequentemente, resgata-se uma visão dessa época passada sobre o modo da mulher estar na sociedade, sobretudo no modo dela comer (o próprio ato de se alimentar, de colocar o alimento na boca com delicadeza), além de uma preocupação social, um olhar dos outros, quanto a se ver a mulher comendo<sup>26</sup>.

Assim, por meio de uma apresentação escrita dessa linearidade histórica, traz-se à tona um resgate da memória sobre a criação do “boca de anjo” e sobre

---

<sup>26</sup> Principalmente masculina, visto que foi o funcionário Moleza que criou o corte “boca de anjo”. Percebe-se, então, uma atenção voltada ao modo como as mulheres iriam comer, preservando os modos “delicados” atribuídos às mulheres, ainda que frequentando um restaurante-bar.

questões sociais acarretadas em relação a isso (principalmente sobre a presença e lugar da mulher na sociedade brasileira/campineira do século XX). É pela menção direta, pelo modo verbal, que esse resgate do passado é feito nos dias de hoje, trazendo um conhecimento social de uma época e das relações de gênero existentes. Ademais, apresenta-se um relato verbal com a menção e explicação da criação do boca de anjo e a dispersão dessa moda para a Cidade, uma vez que nos três cardápios selecionados existe a menção a esse tipo de corte.

Passamos, então, para o foco no uso do modo imagético. Nota-se que no cardápio em si não existe a presença de fotos ou imagens, a não ser pelo logo do estabelecimento (um homem com bigodes usando uma gravata borboleta e que segura uma caneca com chopp). É possível perceber que o chopp é algo característico do estabelecimento (como é colocado no texto verbal do jogo americano).

Além disso, mesmo não se tratando propriamente do objeto central de estudo desse trabalho (o cardápio), foi possível estabelecer uma relação multimodal – envolta no signo do chopp/bebida alcoólica – no jogo americano de papel. Isso porque tem-se a utilização de diferentes modos que se aproximam nessa relação. Assim, divide-se esse material em quatro partes:

1. Imagem da mulher bebendo um produto da cervejaria Brahma (lado esquerdo).
2. Imagem do logo da cervejaria Brahma + a palavra CHOPP em destaque, que faz parte do desenho (lado direito).
3. O logo do estabelecimento (um homem com bigodes usando uma gravata borboleta e que segura uma caneca com chopp) – centro na parte superior.
4. Texto verbal que menciona sobre a tradição do chopp no estabelecimento – centro na parte inferior (fim do texto).

Figura 4: partes em destaque do jogo americano



Fonte: autoria própria

Nota-se que as imagens identificadas como as partes 1 e 2 já são multimodais, pois são ilustrações que contêm na sua proposta e realização tanta a parte imagética (o desenho de uma mulher, uma garrafa, uma mesa, uma paisagem<sup>27</sup>, um homem etc.) e que apresenta uma parte verbal junto a eles (as palavras desenhadas “chopp”, “Cervejaria Brahma”, “cervejas da Brahma”, “Rio de Janeiro”, “Companhia Cervejaria Brahma”). Contudo, além de perceber a multimodalidade nos desenhos, de forma separada das demais partes, nota-se um trabalho de seleção dessas imagens para compor visualmente o jogo americano, tendo a articulação para se aproximarem quanto ao signo chopp, expresso por imagens e verbalmente. Também é possível de se estabelecer

<sup>27</sup> Apenas tendo a imagem como recurso a identificar elementos contextuais, seria possível de dizer que a paisagem retrata o Rio de Janeiro. Isso pelas formações rochosas tanto pela inserção do nome “Rio de Janeiro” como lugar onde se estabeleceu a cervejaria Brahma.

uma proximidade quando a uma única marca de bebidas alcoólicas (a cervejaria Brahma) na escolha dessas imagens.

Mostra-se também interessante a escolha da parte 1 (figura da mulher), por parte dos organizadores deste material. Nisso trazemos outra articulação multimodal a respeito da imagem da mulher (já aqui abordada nesta análise). Assim, ao mesmo tempo que temos uma descrição verbal sobre a presença das mulheres no próprio estabelecimento (*Giovannetti*), que conseqüentemente articula-se à reflexão sobre o lugar e comportamento das mulheres no passado, temos o desenho de uma mulher consumindo uma bebida alcoólica fora de casa. Entende-se, pela simples visualização e leitura da parte 1, se tratar de um exemplo de uma propaganda antiga da cervejaria Brahma (como também a imagem referente à parte 2).

Além disso, também existe a relação entre as partes 3 e 4. No desenho do logo do estabelecimento (parte 3) existe a presença de uma caneca de chopp, que se aproxima da parte 4 (verbal) no apontamento de que o chopp é uma tradição da casa, tendo até um nome especial (rabo de peixe) para nomeá-lo.

Outro apontamento que pode ser feito é que, embora o *Giovannetti* apresente-se como sendo um estabelecimento criado por um italiano (vide o nome de origem italiana, inclusive), o seu logo aproxima-se mais de um homem vestido de alemão. Essa característica visual remete o espaço a uma choperia, já que é possível dizer que o chopp está ligado a uma tradição alemã.

Pode-se concluir por essas imagens, que o cardápio do Giovannetti tem por foco resgatar a sua tradição e originalidade, principalmente pelo uso do modo verbal (as palavras em destaque), ainda que se coloque um material complementar (o jogo americano de papel), que possui um texto verbal apresentado juntamente com as ilustrações antigas. Assim, tem-se o resquício memorialístico que traz à tona a sua autenticidade perante o tempo.

Percebe-se também como o formato do próprio cardápio (sua dimensão e extensão), que se caracteriza em possuir apenas uma folha frente e verso (de aproximadamente 50 cm x 30 cm), mostra-se como um espaço reduzido para colocar outras informações que não sejam a listagem de alimentos disponíveis

ao consumo. Nota-se, ainda, que nem as bebidas estão sendo apresentadas nele.

Diante dessa sua formatação dimensional, houve a escolha pela utilização de um outro material (também físico e de papel – o jogo americano) para apresentar de forma direta informações memorialísticas, como um meio para estabelecer uma linha temporal de eventos relevantes do estabelecimento e que, conseqüentemente, refletem sobre a organização da própria sociedade campineira do século XX.

Além disso, a multimodalidade está presente também pela divisão em colunas e blocos, delimitados por recursos visuais na organização do layout do cardápio. Percebe-se o uso de diferentes fontes e corpos, cores e detalhes gráficos para se fazer essa apresentação. Assim, a separação em grupos dos itens disponíveis se faz por meio de recursos visuais e não página a página (como nos demais). Nessa divisão, percebe-se um foco nos itens que são caracterizados pela tradição e originalidade deste estabelecimento, visto que nelas destacam-se as escolhas lexicais apontadas que valorizam essas imagens do estabelecimento.

No que tange também ao uso do modo verbal na forma de se trazer alguns elementos da memória, pode-se estabelecer algumas relações a partir do nome atribuído a alguns itens desse cardápio, percebendo como se faz um uso singular e criativo dos elementos lexicais para produzir sentido. Dessa forma, temos presente no cardápio elementos históricos, principalmente com o uso de nomes de pessoas, e que fazem parte de uma memória coletiva da cidade e do país. Apontamos aqui, então, alguns exemplos:

1. O salgado Marta Rocha do estabelecimento, que é uma coxinha. Resgatando esse nome, Martha Rocha foi uma miss Brasil no ano de 1954, que ficou em 2º. lugar no concurso de Miss universo. Há o mito que ela perdeu o concurso porque tinha duas polegadas a mais no quadri<sup>28</sup>. Inferimos por meio dessa nomeação que a coxinha do

---

<sup>28</sup> Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/martha-rocha-a-miss-eterna-que-lavou-a-alma-brasileira>> Acesso em 14 jan. 2025

restaurante era maior que a usual, mais gostosa, mais recheada etc. Assim, o uso de um nome de uma pessoa que teve uma importância para o país mostra-se um elemento a ser resgatado e homenageado no menu do restaurante.

2. O nome do lanche Moleza é uma homenagem ao funcionário que também foi o inventor do corte boca de anjo. Assim, seu nome está presente em dois momentos dessa análise: na listagem do próprio cardápio e no resgate da história do estabelecimento, presente no jogo americano de papel.
3. O nome do lanche Psicodélico, que foi criado nos anos 60, remete-se ao movimento Psicodélico, caracterizado por suas cores fortes e vibrantes, como os recheios do lanche.
4. O nome do lanche Casal 20<sup>29</sup> foi inspirado em um seriado dos anos 70 e 80. O próprio estabelecimento aponta isso em uma publicação nas suas redes sociais.
5. O nome do lanche Sharp foi dado em homenagem aos funcionários da empresa Sharp que frequentavam o estabelecimento<sup>30</sup>. Na década de 70, um executivo da Sharp vinha no Giovannetti e sempre pedia um sanduíche com os mesmos ingredientes (rosbife, queijo *Palmyra*, cebola, tomate, azeitona preta e molho especial)<sup>31</sup>. Assim a equipe da época colocou o lanche no cardápio.

## 5.2 *Facca Bar* (1958)<sup>32</sup>

Adentramos agora a análise do segundo cardápio, o do *Facca Bar*<sup>33</sup>. Adianta-se que nele foi possível perceber uma presença maior da multimodalidade pelo

<sup>29</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/GiovannettiCampinas/posts/o-lanche-casal-20-voc%C3%AAs-j%C3%A1-conhecem-mas-e-a-s%C3%A9rie-que-nos-serviu-de-inspira%C3%A7%C3%A3o-p/307664755996923/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/GiovannettiCampinas/posts/o-lanche-casal-20-voc%C3%AAs-j%C3%A1-conhecem-mas-e-a-s%C3%A9rie-que-nos-serviu-de-inspira%C3%A7%C3%A3o-p/307664755996923/?locale=pt_BR)> Acesso em 14 jan. 2025

<sup>30</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=350559941745712&set=a.351904171611289>> Acesso em 14 jan. 2025

<sup>31</sup> [https://www.instagram.com/giovannetti.campinas/p/DBgt\\_y9NkoW/](https://www.instagram.com/giovannetti.campinas/p/DBgt_y9NkoW/)

<sup>32</sup> Endereço: R. Conceição, 157 - Centro, Campinas - SP, 13010-050 | Data de abertura: 1958.

<sup>33</sup> Vale destacar aqui a informação de que o estabelecimento *Facca bar* fechou as portas em 1984 e reabriu apenas em 2006. Além disso, os novos proprietários, que promoveram a reabertura, fizeram um acordo com a família dos fundadores obtendo o direito de utilizar o antigo nome. Assim, temos também uma relação da memória com o próprio nome do lugar e o

uso verbal e imagético, em comparação com os outros dois (*Giovannetti e Voga*).

Semelhante à análise anterior, foi feita uma seleção de informações encontradas que condiziam com a questão da construção da memória da cidade. Assim, cinco exemplos desses rastros memorialísticos serão apresentados nesta parte do trabalho, sendo que três deles dizem respeito a exemplos que se adentram mais ao uso de imagens e os outros dois ao verbal. Mesmo fazendo essa divisão, é possível de se perceber a multimodalidade presentes neles, ou seja, há uma combinação entre visual e verbal que não pode ser separada na produção de sentidos. São esses os exemplos colhidos:

1. Capa – exemplo imagético: a inserção e presença das fotos de 20 funcionários diversos (cozinheiros, garçons, equipe da gerência) que trabalham (atualmente) no estabelecimento (“nossos colaboradores”). Ao fundo dessas imagens, percebe-se uma foto antiga do estabelecimento. Nota-se que as 20 fotos são coloridas e a de fundo é preta e branca.
2. Contracapa -- exemplo imagético: a mesma foto usada no fundo da capa é novamente utilizada na contracapa – uma foto em preto e branco que mostra o estabelecimento antigamente. Além da foto, existe a presença do logo do lugar mais a expressão “desde 1958”.
3. 3ª capa (parte de trás da capa) – exemplo imagético: foto de um exemplo de sanduíche com o corte boca de anjo (uma página inteira) – relação com os outros cardápios (*Giovannetti e Voga*), acompanhada da frase “Saboreie os deliciosos lanches ...”.
4. 2ª página -- exemplo de textualidade verbal: texto verbal sobre a história da cachaça.

---

que a sua história. Diante disso, como aponta Potier (2017, p. 15), existe a noção de que, assim como a memória não pode lembrar-se de tudo, a narrativa não pode narrar tudo, e que a ideologização das memórias só é possível pela mediação das narrativas que é essencialmente seletiva.

5. 5ª página – exemplo de textualidade verbal: página do cardápio que lista os lanches junto da informação “OBS: Todos os sanduíches são feitos no pão baguete e cortado boca de anjo”.

Dessa forma, percebe-se um uso de paridade desses diferentes modos (imagético e visual) para a organização e composição desse cardápio. Ademais, coloca-se que essa divisão entre exemplos imagéticos e verbais foi feita com o intuito de organizar a identificação e análise do que foi encontrado nos cardápios. Isso porque, como já foi mencionado, na multimodalidade não existe uma total separação entre os modos imagético e verbal, mas sim da intersecção entre esses dois modos para produzir significação.

Com a exposição desses exemplos, entende-se que um ponto de maior interesse sobre esse cardápio diz respeito ao seu formato: um livreto com múltiplas páginas. Essa característica denota muita importância, tanto para o entendimento da sua construção e organização, quanto para a parte da sua análise em si. Para isso, uma breve comparação já pode ser estabelecida com o primeiro cardápio aqui analisado, o do *Giovannetti*.

É possível entender que seu maior tamanho, não de sua dimensão, mas da extensão de páginas que esse cardápio possui (10 páginas, mais a capa, contracapa, 3ª e 4ª capas), alcançando um total de 14 laudas, influencia o planejamento de informações além da mera listagem de itens, o que o diferencia em termos de apresentação do primeiro cardápio analisado, o qual possui apenas duas páginas. Além da extensão em si, o fato deles possuírem formatos diferentes, influência também no posicionamento desses textos multimodais, como se vê no caso das capas, por exemplo. Assim, o uso de fotografias (diversas e múltiplas) bem como de textos verbais maiores (que contenham mais de um parágrafo) foi possível de ser usado nesse cardápio.

Com isso, entende-se que existe um reflexo direto entre o tamanho do cardápio e as possibilidades de uso de elementos que resgatam a questão da memória. Conseqüentemente, foi por essa utilização de diferentes modos e recursos que os rastros memorialísticos, colocados nos cardápios por seus agentes

organizacionais, ficaram mais fáceis de serem localizados e entendidos como tais. Dessa forma, ver e ler esses elementos cria um resgate de como o estabelecimento era (no passado) e continua a ser (no presente), colocando, assim, o cardápio como um lugar de memória revisitada e recriada.

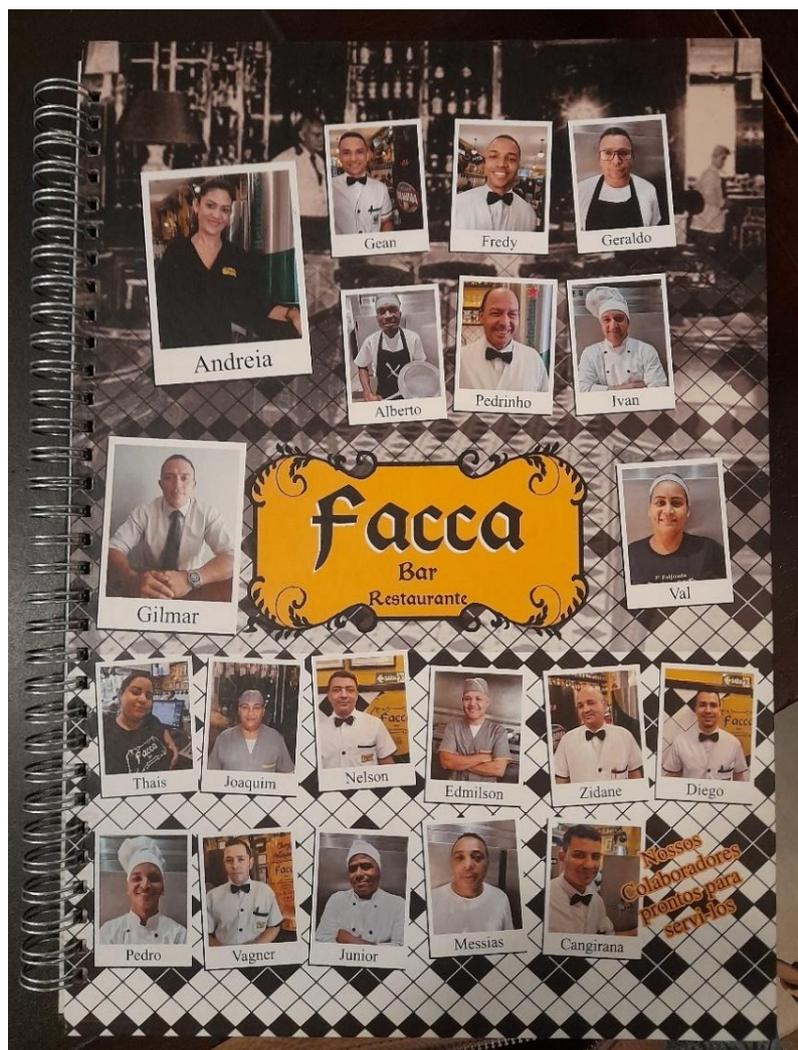
Com isso posto, retomamos a discussão sobre os cinco exemplos aqui apresentados.

### **Exemplo 1: foto da capa**

Sendo a capa o primeiro lugar do cardápio a ser exposto ao cliente (leitor), foi necessário atentar-se às informações nela contidas. Assim, identificou-se fotos de 20 pessoas que trabalham no estabelecimento atualmente (sendo eles nomeados de “nossos colaboradores”). Dessa forma, com esse recurso de mostrar e falar ao leitor/consumidor quem são esses que ele não vê (pessoas da cozinha, da gerência, por exemplo), o estabelecimento procura estabelecer uma relação de proximidade, indicando os novos “ocupantes” da casa.

Assim, existe um efeito de sentido causado ao leitor/consumidor pela foto dos funcionários na capa, em primeiro plano, ou seja, no lugar onde primeiro se obtém alguma informação sobre o estabelecimento, a capa. Portanto, há um destaque e apresentação de quem trabalha ali, reforçando a ideia de que eles devem ser vistos como parte da equipe que dá continuidade à tradição do restaurante de tempos antigos (que está representado na foto que jaz embaixo, em preto e branco). Ademais, é essa foto antiga do estabelecimento que é apresentada novamente na contracapa (foto 2).

Figura 5: Exemplo 1 - capa do cardápio do Facca Bar



Fonte: De autoria própria

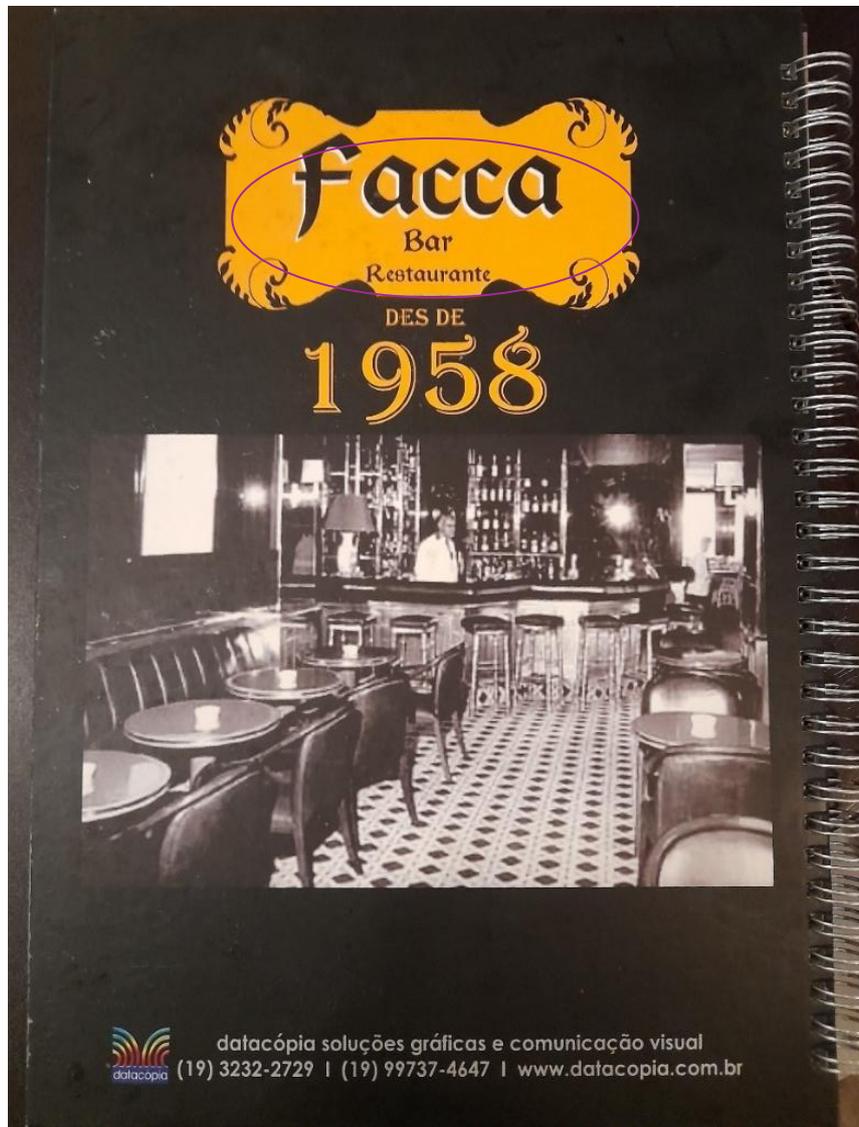
**Exemplo 2:** foto da contracapa – foto antiga do estabelecimento

Nota-se que é uma página com pouca visibilidade, ou seja, não é nesse lugar da contracapa que informações referentes à listagem de itens estaria. Torna-se então uma escolha interessante e estratégica de se posicionar a foto antiga, utilizando-se de um espaço “em branco”, no sentido que tipicamente não é reservado para se colocar algum tipo de informação. Assim, existe a utilização do formato do cardápio para preencher os seus múltiplos espaços possíveis com as informações multimodais referentes à memória.

De forma complementar a isso, ao se ter a informação de que o *Facca Bar* ficou fechado durante anos (1984 até 2006), trazer essa informação visual de

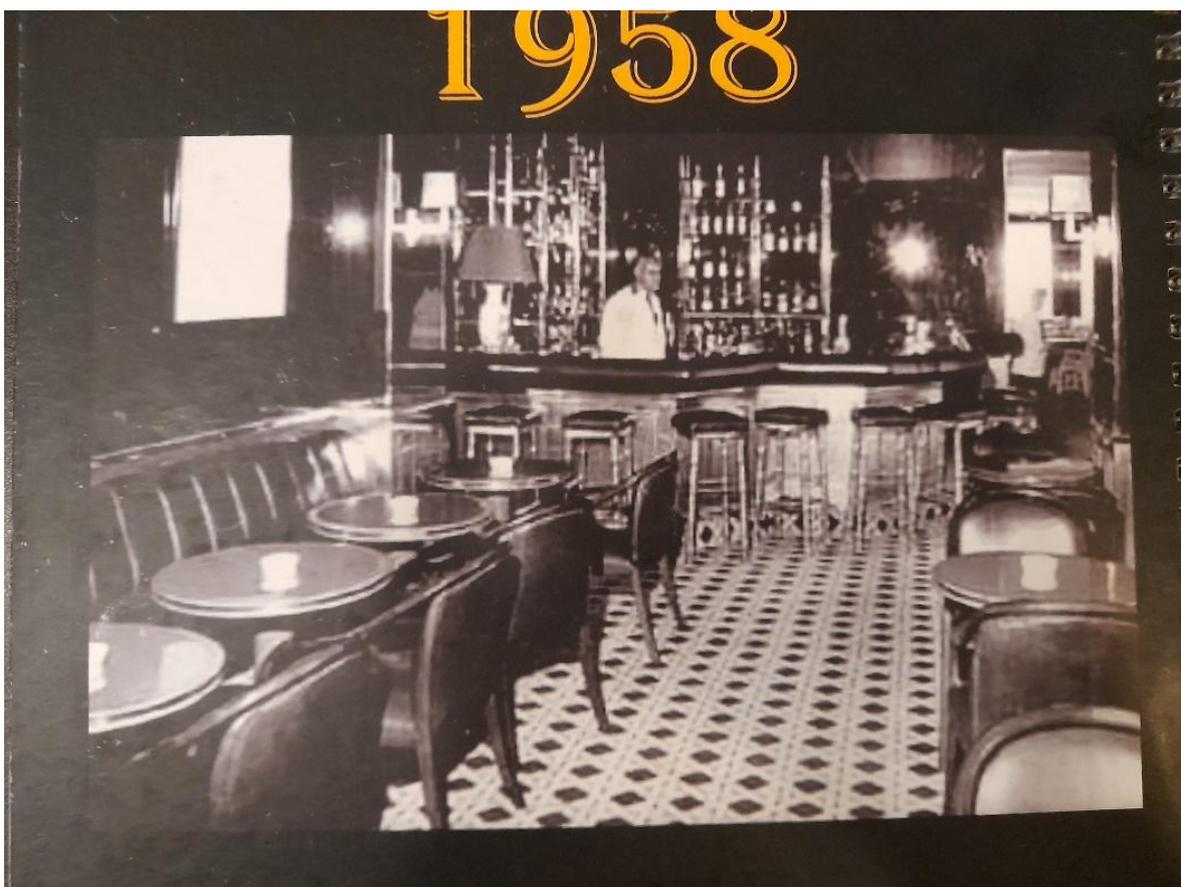
como ele era torna-se ainda mais relevante no processo de resgate da memória.

Figura 6: Exemplo 2 - contracapa do cardápio do *Facca Bar*



Fonte: De autoria própria

Figura 7: Exemplo 2 - foco na foto da contracapa do cardápio



Fonte: De autoria própria

**Exemplo 3:** foto de sanduíche sobreposto à foto antiga do bar

É apresentada uma foto de um sanduíche que é provavelmente servido no estabelecimento. Nota-se que ele está cortado no formato “boca de anjo”. De uma forma geral, esse cardápio apresentou apenas duas fotos de comida, tendo essa foto um destaque maior (uma página, no começo do cardápio). Além disso, nota-se a forma como a construção multimodal desse exemplo foi organizada: imagem do sanduíche + a frase “Saboreie os deliciosos lanches ...”.

Assim, existe um destaque para o lanche, principalmente, para o seu corte/formato, já que não existe um indicativo de qual seria o lanche (com o seu nome ao lado). Isso não é entendido como sendo relevante para quem organizou esse cardápio, já que se deu importância para a sua visualidade (como o lanche é servido).

Figura 8: Exemplo 3 - página com foto do sanduiche com corte “boca de anjo”



Fonte: De autoria própria

**Exemplo 4:** texto sobre a história da cachaça

O exemplo 4 trata-se de um texto verbal que faz apontamentos sobre a história da cachaça. Mesmo o texto não estando diretamente ligado ao estabelecimento, existe um resgate sobre uma bebida nacional por meio de uma longa linha do tempo, desde a descoberta da bebida no Novo Mundo até os dias de hoje. Além disso, percebe-se uma valorização de algo que se tem

como próprio da “colônia”, em que a produção de cana de açúcar era um grande produto do Brasil e do qual Campinas foi um grande produtor (visto o que foi apresentado na parte 2.5).

Outro elemento a se destacar desse exemplo é a identificação de uma intertextualidade da frase “se for dirigir não beba, se for beber cachaça me chama”, que está acima do texto, com a lei nº 15.428, de 28 de maio de 2014<sup>34</sup>, presente no capítulo 2 desse trabalho, que estabelece um tipo de chiste com o leitor/consumidor.

A relevância de se trazer esse exemplo está na apresentação de um produto nacional, a modo de curiosidade sobre ele. Sua presença não era estritamente necessária, no sentido de ter importância para um entendimento que o leitor/cliente pudesse ter sobre algum funcionamento do estabelecimento<sup>35</sup>, mas que se torna relevante para a construção de um cardápio informativo para além dele mesmo.

Assim, ter a presença desse texto verbal pontua que o cardápio pode ir além da sua função primária de expor os itens disponíveis para consumo e ser um suporte para conexão entre as pessoas e a sociedade.

---

<sup>34</sup> Lei Estadual de São Paulo em que se é obrigatória a inclusão da frase “se beber, não dirija” em cardápios.

<sup>35</sup> Não é uma informação sobre formas de pagamento ou horário de funcionamento do local, por exemplo.

Figura 9: Exemplo 4 - foco da página com o texto sobre a história da cachaça

**(Se for dirigir não beba, se for beber cachaça me chame!!!)**

## História da Cachaça

A Cana de açúcar, elemento básico para a obtenção, através da fermentação, de vários tipos de álcool, entre eles o etílico. Os primeiros relatos sobre a fermentação vem dos egípcios antigos. Curam varias moléstias, inalando vapor de líquido aromatizados e fermentados, absorvido diretamente de um bico de uma chaleira, num ambiente fechado.

Os portugueses, motivados pelas conquistas espanholas no Novo Mundo, lançam-se ao mar. Na vontade da exploração e na tentativa de tomar posse das terras descobertas no lado oeste do Tratado de Tordesilhas, Portugal traz ao Brasil a Cana de Açúcar, vindas do sul da Ásia. Assim surgem na nova colônia portuguesa, os primeiros núcleos de povoamento e agricultura.

Dos meados do século XVII as "casas de cozer méis", como está registrado, se multiplicam nos engenhos. A cachaça torna-se moeda corrente para compra de escravos na África. Alguns engenhos passam a dividir a atenção entre o açúcar e a cachaça.

Primórdios do XVI O caldo era apenas consumido pelos escravos, para que ficassem mais docéis ou para curá-los da depressão causada pela saudade de sua terra (banzo). O apelido "pinga" veio porque o líquido "pingava" do alambique.

2ª metade do Século XVI Passou a ser produzida em alambiques de barro, depois de cobre, como aguardente.

Século XVII Com o aprimoramento da produção, passou a atrair consumidores. Começou a ter importância econômica e valor de moeda corrente.

Ano de 1635 Contrariando com a desvalorização de sua bebida típica, a bagaceira, produzida do bagaço da uva, Portugal proibiu a fabricação da cachaça e seu consumo na colônia brasileira.

Menos da metade do século XVII A retaliação á cachaça provou o racionalismo brasileiro, levando o povo a boicotar o vinho Português.

O ultimo pedido de Tiradentes: "Molhem a minha goela com cachaça da terra".

Com as técnicas de produção aprimoradas, a cachaça passou a ser muito apreciada. Era consumida em banquetes palacianos e misturada a outros ingredientes, como gengibre, o famoso Quentão.

Depois da metade do Século XIX Com a economia cafeeira, abolição da escravatura e inicio da república, um largo preconceito se criou frente a tudo que fosse brasileiro, prevalecendo á moda da Europa. A cachaça estava em baixa.

Ano de 1922 A semana da Arte Moderna resgatou a nacionalidade brasileira. A cachaça ainda tentava se desfazer dos preconceitos e continuava a apurar sua qualidade.

Depois da metade do século XX A cachaça teve influencia na vida artística nacional, com a "cultura de botequim" e a boemia.

Passou a ser servida como bebida brasileira oficial nas embaixadas, eventos comerciais e vôos internacionais. A França tentou registrar a marca cachaça, assim como o Japão tentou a marca assai.

Século XXI A cachaça está consagrada como brasileiríssima, é apreciada em diversos cantos do mundo e representa nossa cultura, como a feijoada e o futebol. Em alguns países da Europa, principalmente a Alemanha, a caipirinha de cachaça é muito mais consumida que o tradicional Scott. A produção brasileira de cachaça já ultrapassa os 1,3 bilhões de litros e apenas 0,40% são exportados.

A industrialização da cachaça emprega atualmente no Brasil mais de 450 mil pessoas. O decreto 4.702 assinado em 2002 pelo presidente FHC, declara ser a cachaça um destilado de origem nacional.

Obs: Pesos dos alimentos que compõem os pratos

Não aceitamos cheques

Fonte: de autoria própria

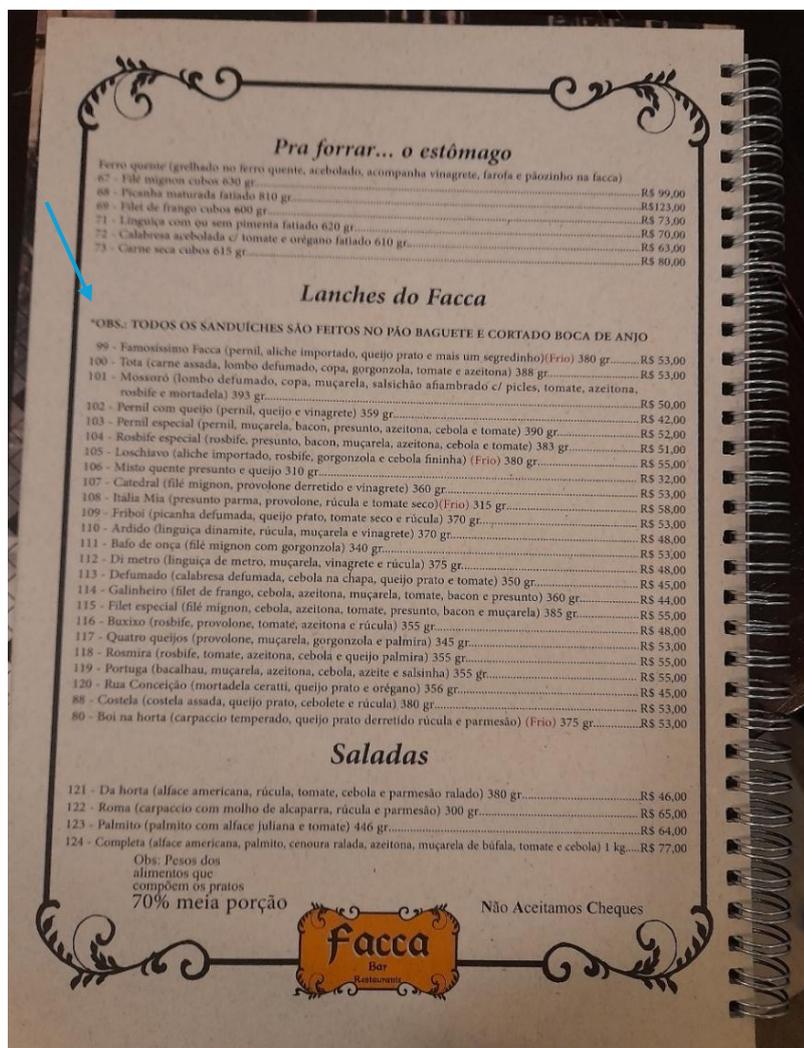
### Exemplo 5: lista verbal com os itens para consumo

Neste exemplo 5, temos a menção do corte "boca de anjo" (OBS: Todos os sanduíches são feitos no pão baguete e cortado boca de anjo), que se relaciona com o exemplo 3 (foto do lanche), bem como com os outros cardápios aqui analisados, já que todos identificam que os lanches servidos são desse tipo de corte. Nota-se que a menção a este corte se faz em fonte em Caixa Alta, ou seja, em letras maiúsculas, dando importância maior a essa

informação do que aos nomes dos sanduíches, que aparecem em caixa baixa (letra minúscula).

Da relação multimodal com o exemplo 3, como já foi apontado, existe um destaque para a visualidade do lanche no que se refere, principalmente, ao seu corte/formato. Na foto, como não há um indicativo de qual seria o lanche (o seu nome) liga-se a esta parte do cardápio, onde estão sendo listados quais os lanches servidos no estabelecimento. Existe, assim, uma complementação de informações (visual + verbal) que se unem, transformando-se em dupla informação multimodal.

Figura 10: Exemplo 5 - página 5 do cardápio do *Facca Bar*



Fonte: De autoria própria

Essa relação se dá principalmente com o uso do formato em livreto desse cardápio, possuindo múltiplas páginas, sendo assim possível colocar-se uma quantidade maior de informação e distribuí-la ao longo de toda a sua extensão. Diante disso, identifica-se a presença dessas informações em todos os lugares do cardápio – capas e interior – o que confere a ele uma característica relevante: a sua organização multimodal está a todo momento trazendo à tona, ao leitor/consumidor, que ele se trata de um lugar de memória.

Nele, não só a listagem de itens disponíveis ao consumo é feita, página a página, mas sim toda uma apresentação organizada em que se apresentam múltiplas informações que excedem a função do cardápio como seleção de itens de consumo, estando elas relacionadas a um resgate histórico do próprio estabelecimento, feita por seus agentes, sobre si mesmo.

Além disso, o formato escolhido para esse cardápio reflete também a dimensão das informações que foram apresentadas, com o uso de múltiplas fotos e textos verbais mais extensos, com ambos os recursos imagéticos e verbais ocupando grande espaço de uma página (exemplos 2 e 4) ou até mesmo uma inteira (exemplos 1 e 3). Assim, retoma-se o apontamento de que o tamanho do cardápio reflete a escolha de quais textos serão incluídos.

### **5.3 Voga (1940)<sup>36</sup>**

Por último, coloca-se então a análise e apontamentos sobre o cardápio do estabelecimento *Voga*. Ele, semelhante ao do *Facca Bar*, tem por formato o que se parece um livreto, o qual é dividido, nas páginas, pelos itens servidos (pastéis, lanches, bebidas).

Para se ter um resgate memorialístico de como era o estabelecimento em si, o lugar e a cidade de Campinas no passado, o que mais se destaca nele é o uso de recursos visuais. Por isso, temos a presença de cinco fotos antigas, colocadas em diferentes lugares do cardápio (duas na capa, três na parte interior – uma colocada em todas as páginas na parte superior, à esquerda, e duas na última página).

---

<sup>36</sup> Endereço: Av. Anchieta, 35 - Centro, Campinas - SP, 13015-100. Data de abertura: 1940.

Ademais, outro ponto a se notar são as formas como as fotos são organizadas para a sua leitura. Isso porque as fotos foram colocadas tanto com a coloração preta e branca como também sépia (em tom “amarelado”). Essa dupla escolha – das fotos e da sua tonalidade – que remete ao antigo e, conseqüentemente, ao passado, mostra-se por ser uma escolha consciente de seus organizadores na sua ação de possibilitar um resgate sobre o estabelecimento, seus entornos e a própria cidade de Campinas. Abaixo, coloca-se uma breve descrição de cada uma dessas imagens:

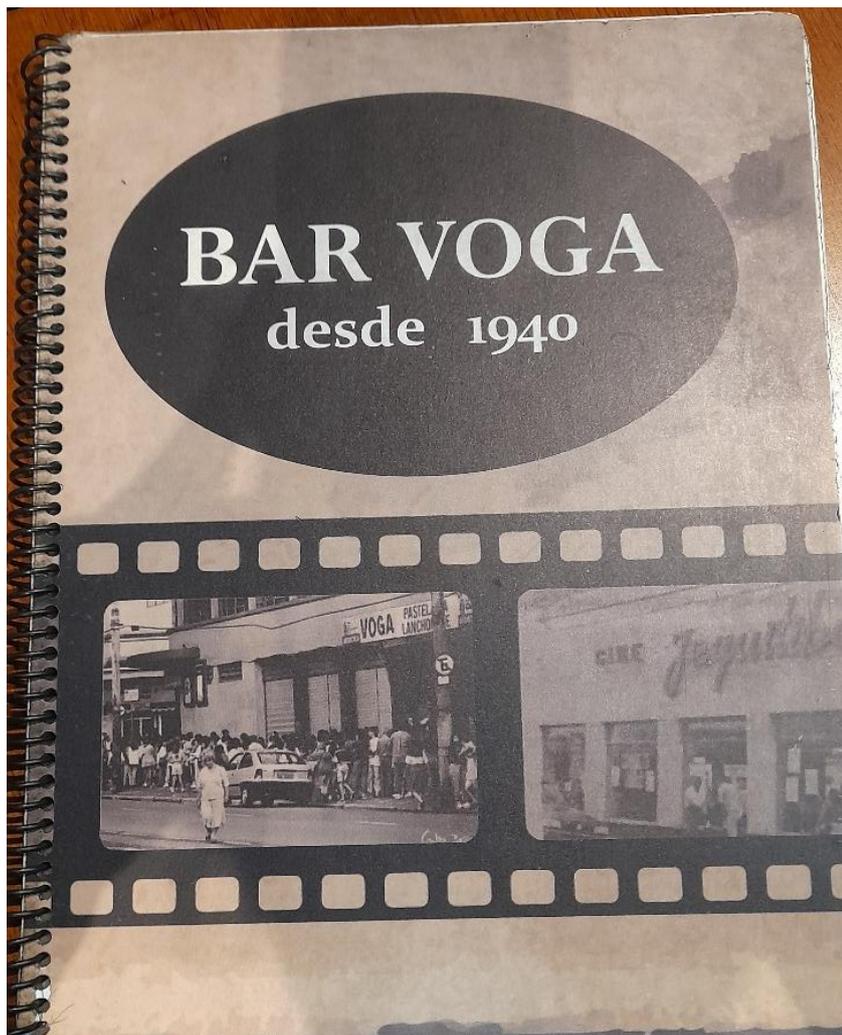
**Exemplo 1:** o estabelecimento (*Voga*) – capa (foto 1)

A foto 1, posicionada na capa do cardápio, retrata o *Voga* em um tempo passado. Isso é possível de ser reconhecido pela presença do letreiro do estabelecimento (VOGA), junto a um carro estacionado na rua (um modelo antigo) e as roupas que as pessoas presentes na fotografia estão vestindo.

**Exemplo 2:** cine Jequitibá – capa (foto2)

Semelhante à foto 1, a foto 2 retrata o cine Jequitibá, também sendo reconhecido pela presença do letreiro do estabelecimento. Nota-se que esse cinema, no passado, ficava localizado no edifício/construção arquitetônica bem ao lado do *Voga*. Conseqüentemente, o uso dessa fotografia traz uma recuperação de como era a região e a parte da cidade que o restaurante ocupava, região com bastante concentração de lazer e cultura.

Figura 11: Capa do cardápio do Voga com as fotos 1 e 2



Fonte: De autoria própria

**Exemplo 3:** cine Voga (anos 50) – interior do cardápio, em todas as páginas (foto 3)

No interior do cardápio, em todas as páginas, no canto superior à esquerda, foi posicionada uma foto que se percebe ser antiga e, contextualmente, possível de se inferir como sendo uma que representa um lugar específico da cidade de Campinas por meio da leitura de um leitor/consumidor qualquer do cardápio. No entanto, numa busca mais detalhada da pesquisadora, por meio de recursos de busca da internet, constatou-se que essa foto retrata o antigo Cine

Voga, nos anos 50,<sup>37</sup> de onde provavelmente partiu a origem do nome do restaurante.

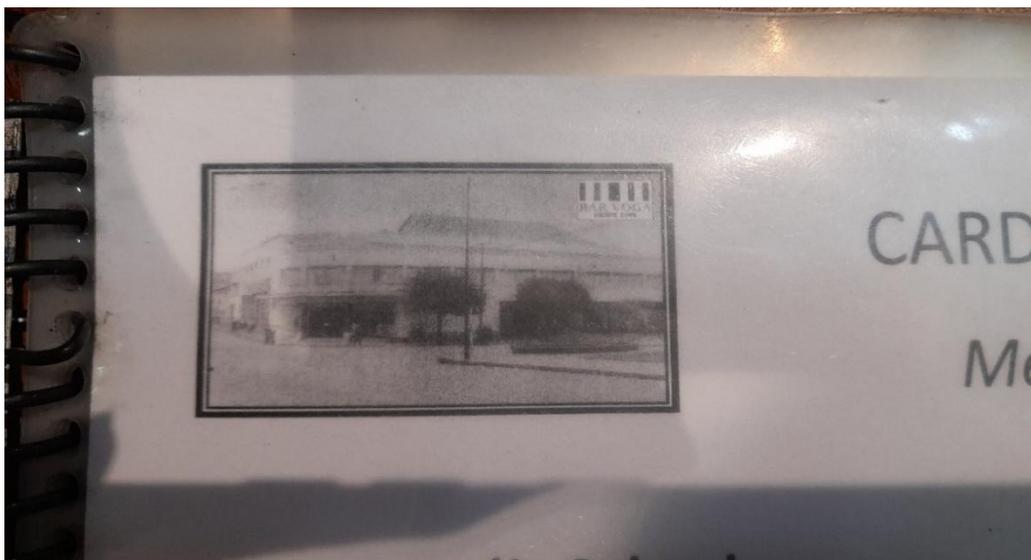
Figura 12: Foto de uma página do interior do cardápio

CARDÁPIO	
Menu	
<b>Pastéis Salgados</b>	
Pastel de Carne .....	R\$ 14,75
Pastel de Queijo.....	R\$ 14,75
Pastel de Mussarela .....	R\$ 14,75
Pastel de Palmito .....	R\$ 14,75
Pastel de Pizza .....	R\$ 16,60
Pastel de Frango com Cheddar .....	R\$ 16,60
Pastel de Frango, Requeijão e Milho.....	R\$ 17,00
Pastel de Calabresa .....	R\$ 15,95
Pastel de Calabresa com Queijo .....	R\$ 16,60
Pastel de Calabresa com requeijão.....	R\$ 16,90
Pastel de Bacalhau.....	R\$ 21,90
Pastel de Camarão.....	R\$ 21,90
Pastel de Filé Mignon com gorgonzola.....	R\$ 21,90
Pastel Voga pernil com provolone.....	R\$ 19,70
Pastel Vegetariano.....	R\$ 16,50
Pastel de Carne com Queijo.....	R\$ 19,70
Pastel de Carne com Ovo.....	R\$ 18,95
Pastel de Salame com Provolone.....	R\$ 19,90
Pastel de 3 queijos Gorgonzola Requeijão e Queijo.....	R\$ 21,90
Massa para Pastel(300 gramas).....	R\$ 15,40
<b>Pastéis Doces</b>	
Pastel de Doce de Leite.....	R\$ 13,50
Pastel de Doce de leite com Queijo.....	R\$ 14,85
Pastel Romeu e Julieta .....	R\$ 15,20
Pastel de Brigadeiro.....	R\$ 11,55
Porção pasteizinhos gourmet (12 unidades, brigadeiro, doce de leite e Romeu e Julieta).....	R\$ 33,90
<p>Não aceitamos cheques    facebook.com/pasteis    WWW.BARVOGA.COM.BR</p>	

Fonte: De autoria própria

<sup>37</sup>Disponível em: [https://www.campinasvirtual.com.br/galeria\\_campinas\\_antigas\\_4.html](https://www.campinasvirtual.com.br/galeria_campinas_antigas_4.html). Acesso em: 15 jan. 2025

Figura 13: Foco na imagem (foto 3) presente no interior do cardápio



Fonte: De autoria própria

**Exemplo 4:** cidade de Campinas – Rua Barão de Jaguara<sup>38</sup> – última página (foto 4)

A foto 4, posicionada na última página do cardápio, retrata a cidade de Campinas de antigamente. É possível, da mesma forma como na foto 3, de se inferir contextualmente essa informação e, por meio de buscas online, constata-se que essa foto retrata a Rua Barão de Jaguara, localizada próxima ao lugar onde está o *Voga*.

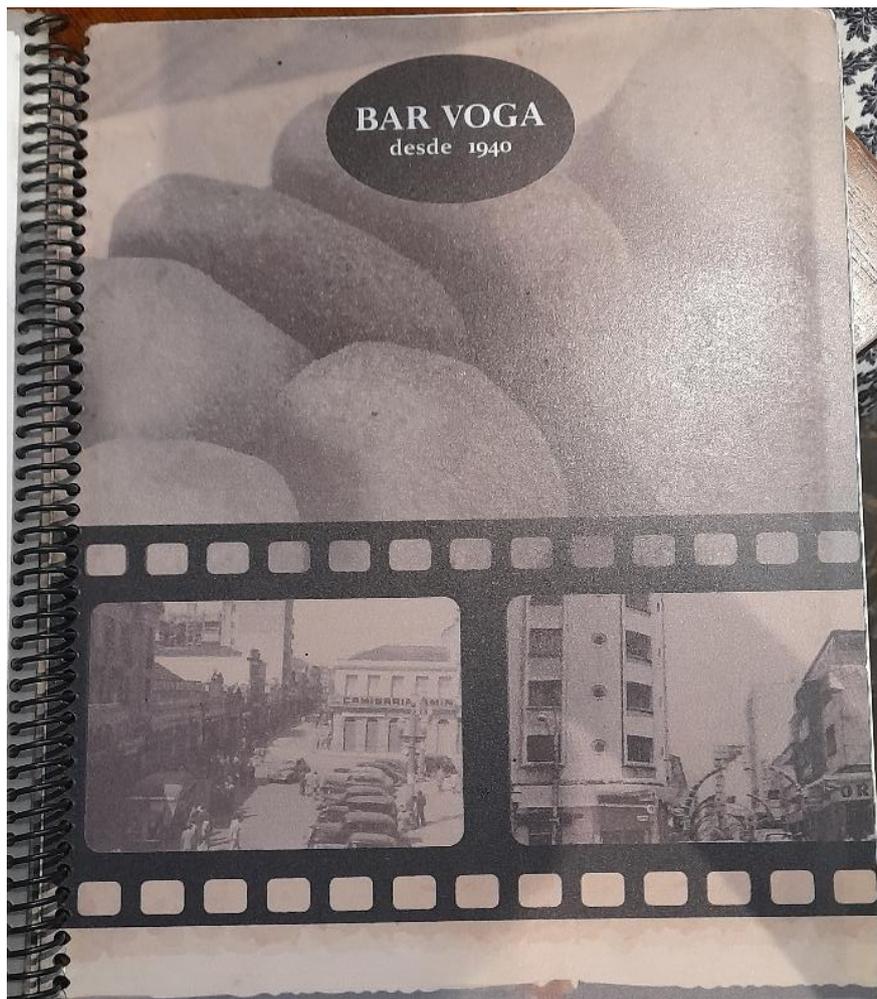
**Exemplo 5:** cidade de Campinas – última página (foto 5)

Esta foto, também posicionada na última página do cardápio, do lado direito da foto 4, retrata, contextualmente, a cidade de Campinas de antigamente, trazendo uma imagem do ambiente urbano de então.

---

<sup>38</sup> Cartão postal da década de 1940. Disponível em <https://atom.cmu.unicamp.br/index.php/da-00102-tif>. Acesso em 15 jan. 2025

Figura 14: última página do cardápio contendo as fotos 4 e 5



Fonte: De autoria própria

Depois de brevemente apresentadas as cinco fotos, uma parte sobre um detalhamento analítico a respeito delas será aqui discutido. Primeiramente, foi possível estabelecer uma comparação de semelhança com o cardápio do *Facca Bar*. Isso porque o do *Voga* também apresenta informações, no caso, as fotos, ao longo de toda a sua extensão (capa e interior). Assim, pode-se afirmar o que fica aparente nas análises anteriores, de que o formato do cardápio de fato influencia nas escolhas de seus organizadores, tanto na inclusão e posicionamento das imagens. Ainda assim, essa escolha demonstra ter uma relação quanto ao conhecimento memorialístico acerca do estabelecimento por parte de quem o lê.

Isso porque as fotos 1 (*Voga* de antigamente) e 2 (cine Jequitibá) foram ambas colocadas na capa, o primeiro lugar do cardápio a oferecer informações e imagens e, portanto, um lugar de destaque maior para colocar em destaque qualquer elemento. Relaciona-se a isso o fato de que as fotos retratam os elementos visuais que as compõem. Destaca-se, também, a presença do elemento verbal (letreiro dos estabelecimentos), o que permite ficar em evidência o que essas fotos retratam. Assim, elas mesmas nos dizem o que retratam.

Contudo, junto a isso, existe a leitura desses textos imagéticos dentro do contexto em que eles são apresentados: dentro de um cardápio que teve a sua seleção e organização realizada provavelmente por agentes que pertencem a esse mesmo estabelecimento. Compreende-se, portanto, que, ao se optar pela escolha dessas duas imagens na capa do cardápio, existe uma representação dupla sobre o próprio estabelecimento do passado e de hoje, já que a foto 1, dentre todas as cinco, é a única que representa efetivamente o *Voga*. Consequentemente, essa é a foto que mais teve destaque.

Além disso, existe a presença de um recurso gráfico que adiciona outra camada à leitura multimodal estabelecida. Refere-se ao uso da imagem de um rolo de filme como uma espécie de moldura para as fotos 1 e 2. Disso, duas observações podem ser feitas. A primeira é a de que, pelo seu uso, um reforço imagético seja estabelecido para reforçar um aspecto antigo das fotos colocadas (fotos que eram tiradas por meio de filmes antigamente e que eram depois reveladas). A segunda é que existe uma dupla relação com a ideia de filme: o filme fotográfico e a película cinematográfica. Deste último, se tem uma relação de contexto e proximidade com a própria localização do estabelecimento em que, no passado, tinha-se um cinema ao seu lado (o Cine *Voga*, posteriormente denominado, já nos anos 60, de cine Jequitibá).

Isso acontece de forma semelhante com a organização das duas últimas imagens (as 4 e 5 – localizadas na última página do cardápio). Mesmo não identificadas propriamente, é possível, pelo contexto da organização das imagens do cardápio inferir mais claramente que elas retratam a cidade em meados do século XX. Junto a elas também está presente o recurso visual do rolo de filme, como sendo uma moldura para elas. Temos então, aqui, um

exemplo de multimodalidade com relação ao uso das fotos e de elementos gráficos, adicionadas, assim, ao seu contexto de leitura.

Contudo, como já foi mencionado, a escolha da dupla das fotos 1 e 2 difere-se da dupla 4 e 5 principalmente pela sua identificação. Na capa – lugar de destaque e primeiro a ser lido – encontra-se, o que podemos dizer, as fotos mais significativas para o posicionamento da questão da memória, por meio de seus agentes organizadores. A foto 1 é a única que retrata o estabelecimento *Voga*. As outras são contextuais à cidade de Campinas. Dessa forma, ao expor ao leitor/consumidor, no seu primeiro momento de leitura, a antiga foto do *Voga*, coloca-se de forma direta que esse cardápio tem uma função, acima de tudo, de resgate da memória. Por sua vez, pelo formato que se assemelha a um livreto, é possível de se pensar como a capa do cardápio indicará quais informações estarão presentes na sua leitura.

Ademais, o modo verbal destaca o exemplo da presença da menção sobre o corte “boca de anjo”, explicando como os sanduíches são servidos e estabelecendo-se uma relação com os outros dois cardápios, por meio do uso de uma expressão que na cidade de Campinas surgiu e se consagrou.

Percebe-se, assim, que na organização do cardápio existe toda uma curadoria memorialística sobre o estabelecimento e a cidade de Campinas por parte de seus agentes. Dessa ação, notam-se quais informações estão refletidas nos elementos presentes em cada fotografia, quais têm mais destaque por meio do posicionamento, ao longo do cardápio, onde e como elas foram colocadas e agrupadas e por que motivos.

Dessa maneira, é possível apontar que, embora o cardápio seja mais conciso, quanto à exposição imagética dos itens alimentícios, ele se foca no destaque histórico de trazer imagens de uma Campinas do passado. Esse passado que se reflete nos lugares urbanos que as pessoas frequentavam. A ação de se colocar o cinema (representado em duas das cinco fotos) marca uma época em que as pessoas iam ao cinema no centro da cidade, relacionando, assim, a vida urbana nas ruas da cidade.

Consequentemente, nota-se um certo saudosismo que o uso dessas imagens acarreta, principalmente, sobre o passado do lugar e da cidade. Mas também,

sobre um modo de vida que já não existe hoje, onde as ruas e cinemas de bairro eram um lugar que as pessoas frequentavam mais, onde tinham seus momentos de lazer e vida social, sem se restringir aos shopping centers como hoje.

#### 5.4 Quadros comparativos

De forma a apresentar sucintamente os resultados obtidos, coloca-se abaixo dois quadro comparativos entre os cardápios analisados, acrescida de uma observação final.

Quadro 3 - Comparativo final

(continua)

	<b>GIOVANNETI</b>	<b>FACCA BAR</b>	<b>VOGA</b>
<b>DATA DE INAUGURAÇÃO (“DESDE 19XX”)</b>	1937	1958	1940
<b>QUANTIDADE DE PÁGINAS/LAUDAS</b>	2 [mais 1 - material extra]	14	14
<b>MATERIAL EXTRA</b>	Sim – jogo americano de papel (imagético e verbal)	Não	Não
<b>MODO IMAGÉTICO</b>	Recursos gráficos	Fotos (diversos temas)	Fotos (fotos antigas do estabelecimento e da cidade de Campinas)
<b>MODO VERBAL</b>	Escolhas lexicais (originais, exclusivos, à nossa moda); Nome ao pratos.	Múltiplos usos: texto sobre o estabelecimento e sobre a história da cachaça.	Palavras presentes nas fotografias e menção ao corte boca de anjo

(conclusão)

	<b>GIOVANNETI</b>	<b>FACCA BAR</b>	<b>VOGA</b>
<b>DESTAQUE – IMAGÉTICO</b>	Recursos gráficos, tendo uma relação com o layout do cardápio em uma divisão de colunas e setores	Antiga foto do estabelecimento e foto do lanche no corte boca de anjo	Fotos da capa – Voga e cine Jequitibá
<b>DESTAQUE – VERBAL</b>	Nome dos salgados e lanches (ex. Martha Rosa, Moleza, Casal 20 etc.)	Texto verbal sobre o estabelecimento	Os letreiros presentes nas fotografias permitiram a identificação sobre o que as próprias fotos buscavam retratar.
<b>DESTAQUE MATERIAL EXTRA</b>	Texto verbal sobre o estabelecimento	Não	Não

Fonte: De autoria própria.

## Quadro 4 - Comentários gerais sobre os cardápios

(continua)

<b>COMENTÁRIO GERAL</b>	
<b>GIOVANNETTI</b>	<p>O reduzido tamanho do cardápio não permitiu uma grande inserção de informações (relacionadas à questão da memória) nele. Assim, foi escolhido se utilizar de outro material, o jogo americano de papel, para se inferir sobre o papel do estabelecimento na construção de uma memória da cidade.</p> <p>O seu foco está nos nomes dos salgados e sanduiches, que remetem de forma não descritiva, do passado.</p> <p>Além disso, a presença da multimodalidade desse cardápio se manifesta através da estrutura em colunas e blocos, organizados por elementos visuais no design do menu. Nota-se a utilização de diversas fontes, tamanhos e elementos gráficos para essa organização. Dessa forma, os itens disponíveis são agrupados por meio de elementos visuais, ao contrário do que ocorre nas outras abordagens que organizam seus itens e imagens em diferentes páginas.</p>

(conclusão)

<b>COMENTÁRIO GERAL</b>	
<b>FACCA BAR</b>	<p>Há uma presença marcante da multimodalidade neste cardápio, pelo uso de diferentes textos ao longo de toda a sua extensão.</p> <p>Percebe-se, então, um planejamento de seus organizadores para que o posicionamento e a inserção desses textos visem a uma amplitude de temas, que incluem seu espaço memorialístico.</p>
<b>VOGA</b>	<p>Existe um foco no uso de fotografia para o resgate da memória do estabelecimento e da Cidade de Campinas do passado.</p> <p>Ademais, nota-se que o cardápio do <i>Voga</i> tem o mesmo tamanho que o do <i>Facca Bar</i>, contudo a maneira como os recursos multimodais foram utilizados para se ter a presença de informações além da listagem de itens disponíveis foi diversa. Aqui há o foco no próprio estabelecimento, enquanto o outro expande a temática das informações.</p>

Fonte: De autoria própria.

Por meio da análise e comparação entre os cardápios selecionados do corpus, foi possível notar uma relação direta entre o tamanho do cardápio (com diferentes dimensões e números de páginas, bem como a presença – ou não – de uma capa) e a inserção de informações além da mera listagem de itens disponíveis para o consumo.

Diante disso, é possível apontar que o planejamento desses cardápios primeiramente seguiu uma organização prévia do que neles deveria e se gostaria de apresentar, por parte de seus agentes organizacionais. Ou seja, sabia-se quais informações multimodais, para além da listagem dos itens, deveriam ser apresentadas, isso dentro do contexto da leitura do cardápio, que inferências poderiam ser feitas sobre as informações apresentadas ao leitor, entre outras. O exemplo mais claro sobre isso é o uso das imagens pelo *Voga* que, contextualmente, entende-se tratarem-se da cidade de Campinas. Embora, nessa pesquisa, tenha-se buscado a certificação dessa informação, entende-se que, no momento de leitura delas pelo leitor/consumidor, isso não teria sido estritamente necessário, e que tenha passado despercebido pelo processo de leitura de muitos.

Percebe-se, então, que a multimodalidade oferece uma organização de leitura dos cardápios que, não obrigatoriamente, será seguida de forma estrita por todos os leitores, pois isso depende de seus processos de letramento. Ainda assim, coloca-se que, pelo uso de recursos gráficos utilizados no cardápio do *Giovannetti*, considerando seu tamanho - de duas páginas, a divisão em colunas e quadros - permite-o identificá-lo a listagem de itens de consumo. Nisso difere-se dos outros dois, *Facca Bar* e *Voga*, pois a divisão das informações se faz página a página. Ademais, reitera-se que o tamanho dos cardápios influenciou essa organização, além da inclusão de informações ditas “extras”, que contribuíram para outras funções atribuídas ao cardápio, além de uma mera lista de itens de consumo.

### **Considerações finais**

Por meio dessa pesquisa, foi possível adentrar em uma perspectiva interdisciplinar para se compreender e estudar o objeto cardápio. Não somente sobre um viés que foca a sua questão histórica, sobre seu surgimento, sua nomenclatura, suas mudanças ocasionadas pelo tempo e pela inserção de novas tecnologias, mas um estudo contextual mais amplo sobre a sua relevância na constituição da memória de uma sociedade.

O cardápio que, nos seus primórdios ou até mesmo hoje, poderia ser considerado como sendo uma mera listagem dos itens disponíveis para o consumo nos estabelecimentos A&B, compreende-se muito mais do que isso. Dessa forma, entende-se tal objeto como um texto multimodal, composto por múltiplas informações variadas, que são inseridas nele por agentes organizacionais diversos. Ademais, esse foi um estudo que se voltou sobre a percepção de diferentes elementos presentes na concepção de cardápios físicos, além do intuito de compreender o que é o cardápio na sua construção e aspectos que se referem à constituição da memória do lugar em que circulam.

Para se ter uma compreensão sobre o objeto em si e possíveis leituras decorrentes dele, foi realizado um estudo bibliográfico a respeito de temas que convergiram nas multiplicidades do cardápio. Uma visão acerca de tópicos sobre letramento (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), multimodalidade (Kress; Van Leeuwen, 2006, 2010) e lugar de memória (Nora, 1993) foram trazidos para que uma visão possível sobre o cardápio pudesse ser levantada.

Na parte de análise, o enfoque foi como elementos memorialísticos apareciam nos cardápios que compunham o *corpus*, os quais foram considerados como exemplos de lugar de memória, no que tange à perspectiva de Nora (1993).

Ademais, uma das observações colocadas na análise que mais merecem destaque nessa consideração final é a respeito do formato/tamanho dos cardápios. Notou-se como esse aspecto influenciou diretamente na presença e quantidade de informações que remetiam à questão da memória tanto dos estabelecimentos em si, mas também da cidade de Campinas.

Em consequência das escolhas imagéticas, textuais e de design na elaboração e organização do cardápio, entendem-se as funções que o cardápio desempenhará para o leitor/consumidor, oferecendo-lhe determinadas informações. A leitura do que está sendo colocado nas páginas do cardápio, a partir de uma contextualização proporcionada pelo objeto em si, mas também por outros conhecimentos que os leitores/clientes possuem, fortalece a ideia desse objeto como um lugar de memória. O cardápio, assim, funciona como um resgate de rastros deixados sobre um passado (de tradições, criações, desenvolvimento) dos estabelecimentos e da própria sociedade, trazendo, por exemplo, as informações oriundas da análise do cardápio do *Giovannetti*,

acerca da mulher e seu papel e presença na sociedade; a valorização da cachaça como bebida típica brasileira, bastante apreciada no interior e especialmente em Campinas, zona conhecida historicamente pelo cultivo de cana de açúcar, que aparece no cardápio do *Facca Bar*; e a nostalgia do cinema de rua dos anos 60, em que o cinema fazia parte da vida urbana e intelectual das grandes cidades, que aparece no cardápio do Voga.

Além disso, o uso de textos imagéticos e verbais para toda essa organização multimodal de informações e, conseqüentemente, do próprio cardápio, capacitaram que os indícios dessa memória se presentificassem e fossem possíveis de serem revisitados. Aponta-se, então, a importância da multimodalidade para a apresentação dos cardápios e, conseqüentemente, dos rastros memorialísticos contidos neles.

Dito isso, comenta-se novamente o aspecto primordial que norteou todo esse trabalho: um estudo interdisciplinar do objeto cardápio. Na compreensão de que existem múltiplas formas de se entender e ler as coisas presentes em nosso cotidiano, essa pesquisa, nas suas escolhas e desdobramentos, voltou-se a uma maneira de se ver o cardápio. Entende-se que isso poderia ter sido feito de outras formas, por meio de outras perspectivas bibliográficas e metodológicas, o que resultaria em outras pesquisas e motivaria outros estudos futuros.

Ademais, entende-se que toda a pesquisa está envolta no próprio olhar do pesquisador que a realiza. Conseqüentemente, é papel do pesquisador, um agente observador, se atentar ao que está ao seu redor e (re)descobrir objetos e textos, talvez vistos como banais, buscando neles um algo não antes visto, e (re)apresentá-los para a sociedade. Isso porque o mundo está cheio de coisas óbvias que não são observadas.

## Referências

- ABRAHÃO, Eliane Morelli. Menus E Cardápios: Os Impressos Efêmeros E a Pesquisa Em História Da Alimentação. **Anais Do Museu Paulista** 29 (2021): Anais Do Museu Paulista, 2021, Vol.29. Web. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e39> Acesso em 9 março 2023.
- ANDRADE, E. R. de. Memória: um arquivo vivo em construção. In **Nas malhas do discurso**: memória, imaginário e subjetividade. Campinas: Pontes, 2011, p. 75-88.
- ANDRIOTTI, Marcelo Toledo. **Centro De Convivência /Setor / “Bróduei”**: Comunicação, Cultura E Interação Em Uma Rede Social Pré-Internet. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte), PUC-Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16921/clc\\_ppglimiar\\_dissertacao\\_andriotti\\_mt.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16921/clc_ppglimiar_dissertacao_andriotti_mt.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 26 fev. 2025
- BALDIN, Romilda Aparecida Cazissi. Os italianos em Campinas e região. **Site do IHGG-Campinas**. Agosto 3, 2018. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2018/08/03/os-italianos-em-campinas-e-regiao/>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- BORTOLANZA, João. O Poeta novilatino carioca António de Castro Lopes (1827-1901). In: **Revista Humanitas** (Coimbra), 1999. v. LI, n. 1. p. 301-316. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/28192/1/Humanitas51\\_artigo12.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/28192/1/Humanitas51_artigo12.pdf). Acesso em: 29 mar. 2023.
- BRASIL. **Grafia Braille para a Língua Portuguesa**. Brasília-DF, 2018, 3ª edição.
- BRAULIO, Marisa. **Léxico e cultura**: um estudo de nomes de pratos oferecidos em restaurantes de Gramado (RS). 2006. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/181> Acesso em 4 out 2022.
- BUENO, Flavia. **História da gastronomia paulistana**. São Paulo, SP: [s.n.], 2004.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. SP: Contexto, 2016, p.21-57.

CELIA, Maria Isabel Basílico; DANIELE NETO, Mário. Aspectos históricos da evolução urbana do município de Campinas (SP) durante os séculos XVIII e XIX. **Leituras de Economia Política**. Campinas, (10): 105-123, jun. 2002/jun. 2003. Disponível em: [https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L10/LEP10\\_05Mario.pdf](https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L10/LEP10_05Mario.pdf) Acesso em: 19 mar. 2023.

CORACINI, Maria José. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. **Cadernos de Estudos Culturais**. Campo Grande, MS, v. 2, set. 2010, p.125-136.

CUNHA, Andreia Honório. A gramática do design visual e a relação palavra-imagem na produção de sentidos de tiras da turma do xaxado. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 63–83, 2018. DOI: 10.26512/discursos.v3i2.2018/10763. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/10763>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DAVIES, Carlos Alberto. **Alimentos e bebida**. 4ª ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

DERRIDA, Jacques. (1995). **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.7-16

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. **Coleção HiperS@beres**, p. 7-17. Santa Maria, 2009. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos\\_pdf/TXTS\\_PDF/cristiane\\_dias.pdf](http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf) Acesso em 20 nov. 2023.

DONDIS, Donis. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

DUFF, Patricia A. **Case study research in applied linguistics**. New York/London: Lawrence Erlbaum, 2008.

ETO, Tatiana Cristina Teixeira; SILVA, Jovino Augusto Pontes. **Planejamento de cardápio**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

FONTE, Larissa Martins Bela. **Histórias Portais, Projetos Glociais**: Percursos De Um Corpo-território Pelas Colonialidades Nas Memórias Da Cidade De Americana. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte), PUC-Campinas, Campinas, 2023. Disponível em: [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/16775/clc\\_ppglimiar\\_disser\\_tacao\\_fonte\\_lmb.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/16775/clc_ppglimiar_disser_tacao_fonte_lmb.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em 15 jan. 2025

FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. **Gastronomia no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Senac Nacional, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 403–432, maio 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742006000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/qzK3pDRBXtyJVtgDzQsFssm/#>. Acesso em 23 nov. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20595> Acesso em: 16 out 2022.

GONÇALVES, Márcio Souza. Escrita, subjetividade e tecnologia de comunicação. **Logos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 34–47, 2010. DOI: 10.12957/logos.2009.353. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/353>. Acesso em: 24 nov. 2023.

GUTIERREZ PEREZ, Francisco. **Linguagem total**: uma pedagogia dos meios de comunicação. 3. ed. São Paulo, SP: Summus, 1978. (Novas buscas em educação, v.1).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson Alan. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design (2ed.). Routledge, 2006.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

LE-GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA NETO, Francisco. Hotel Terminus, retrato de uma época. **Correio Popular**. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/campinasermc/hotel-terminus-retrato-de-uma-epoca-1.326917> Acesso em: 20 mar. 2023.

LOPES, Antonio de Castro. **Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis com um vocabulario neologico portuguez**. 2. ed. correcta e augmentada. 1909 Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7977> Acesso em 1 abr. 2023.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 2 ed. Lisboa: Editorial Confluência; 1967. 3v.

MARTINS, José Pedro; FLOSI, Adriana. ACIC: **Associação comercial e industrial de Campinas**: 95 anos de história. Campinas, SP: Arte e escrita, 2015.

MARTINS, Valter. Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.507-524. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015005000008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BFKL6SSbbDg4q7svpdNdHrn/?lang=pt>. Acesso em 13 maio 2024.

MUSEU DO CAFÉ. **A história das cafeterias**. © 2024. Museu do café. Disponível em: <https://www.museudocafe.org.br/cafeteria/historia-das-cafeterias/> Acesso em: 10 maio 2024.

NORA, P. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 56–60, jan. 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000100008>. Acesso em 23 nov. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1 ed. SP: Parábola, 2019.

PELAEZ, Nicole. **Processo de planejamento de cardápio**: um estudo de caso num restaurante de Balneário Camboriú. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2008. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1318> Acesso em: 3 out 2022.

PINHEIRO, Petrilson. Prefácio da edição brasileira. In: KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson Alan. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POTIER, Robson William. **Considerações sobre memória, silêncio e esquecimento**: a literatura e a produção de esquecimento a partir do não dito. XI Encontro Regional Nordeste de História Oral – Ficção e poder. 2017. Disponível em: [https://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496194956\\_A\\_RQUIVO\\_Memoria,silencioeesquecimento-Final-Revisado.pdf](https://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1496194956_A_RQUIVO_Memoria,silencioeesquecimento-Final-Revisado.pdf) Acesso em 10 mar. 2025

PREFEITURA DE CAMPINAS. **Plano de desenvolvimento turístico de Campinas. 2020**. Disponível em: [https://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/cultura/minuta\\_planos\\_turisticos\\_v14\\_2020.pdf](https://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/cultura/minuta_planos_turisticos_v14_2020.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Alimentação e globalização: algumas reflexões. **Cienc. Cult. [online]**. 2010, vol.62, n.4, pp.43-47. ISSN 0009-6725. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252010000400014](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400014) Acesso em: 18 set 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo, SP: Parábola, 2021.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 156-192.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2008. DOI: 10.18225/ci.inf.v36i3.1167. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1167>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ROSA, Jaciara Mesquita. **Galicismos no português do Brasil**: uma abordagem lexicográfica. 2013. 261 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=151856#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=151856#). Acesso em 18 maio 2024

SANTOS, Zaira Bomfante dos, PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de significados. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v.12, n.2, 2014, p. 295-324. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243/5272> DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v12i2.7243>.

SATOLO, V. P. X., BERNARDO, C. H. C., LOURENZANI, A. E. B. S., & MORALES, A. G.. (2019). Um panorama histórico-conceitual da pesquisa interdisciplinar: uma análise a partir da pós-graduação da área interdisciplinar. **Educação Em Revista**, 35, e185294. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698185294>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/fjgTP3C8XfnTpgvKGfvwjqm/?lang=pt#>. Acesso em: 7 maio 2023.

SENAC. **Bares e restaurantes**: gestão de pequenos negócios: material do programa Gerencie seu Negócio – Educação à distância. Rio de Janeiro, RJ:SENAC Nacional, 2009.

SILVA, Áurea Pereira da. Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII - séc. XX). **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, 14(1), 81-119. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142006000100004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/4SXZhYBC5wtBpDDq7mVd4tD/?lang=pt> Acesso em 18 maio 2024.

SPANG, Rebeca. **A invenção do restaurante**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

TEICHMANN, Ione Mendes. **Cardápios**: técnicas e criatividade. 5ª ed. Ver e ampl. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2000.

TRAVISANI, Janete. Recordar é viver. **Hora Campinas**. 14 jul. 2021. Disponível em: <https://horacampinas.com.br/recordar-e-viver/> Acesso em: 22 mar. 2023.

## Anexo

### Anexo 1 – Print do site do estabelecimento *Giovanetti*



Fonte: De autoria própria.